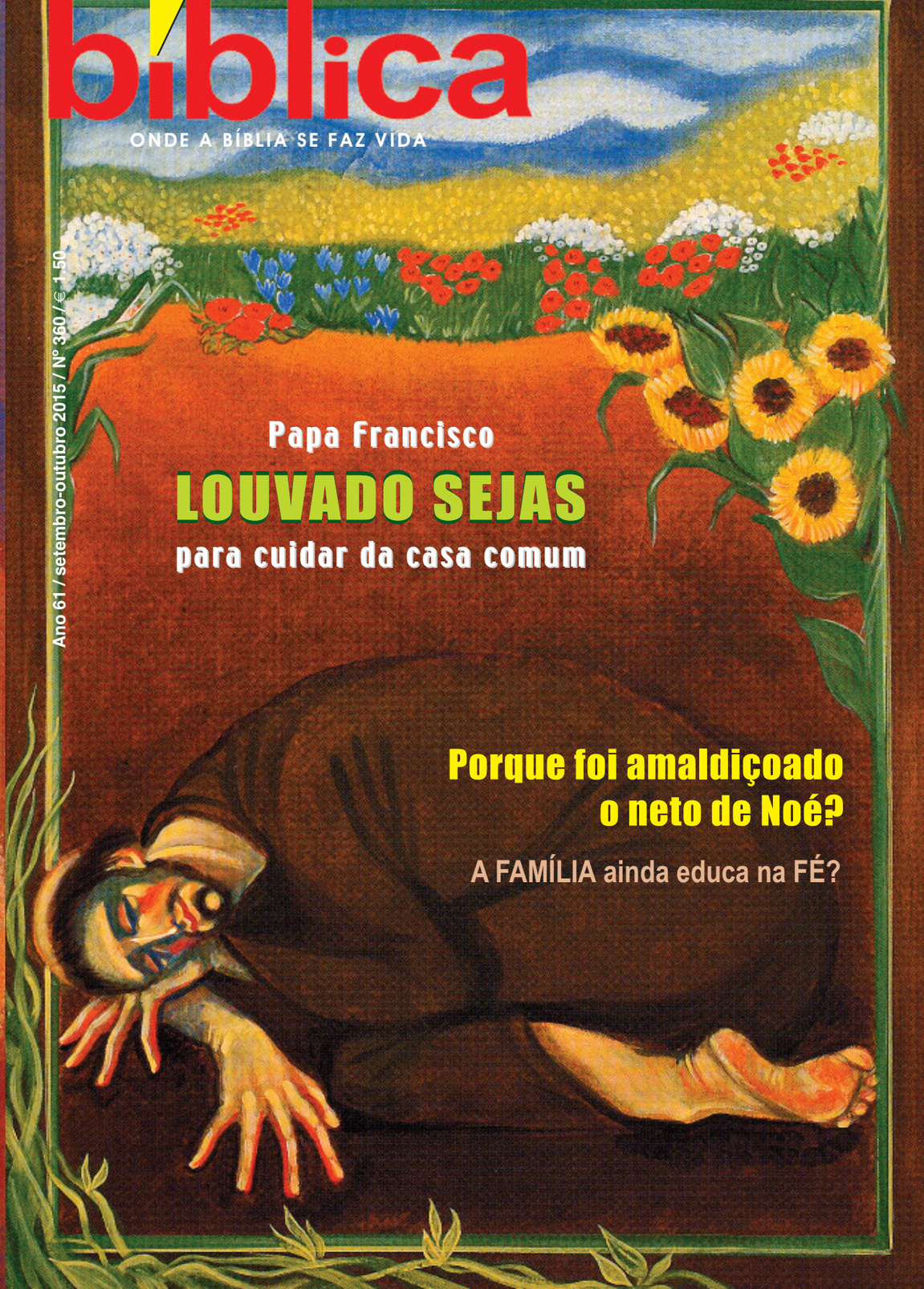
S. Francisco. Fundou as Ordens dos Irmãos Menores,
das Irmãs Clarissas e dos Irmãos da Penitência
Assis, 1181/82 – 3 de outubro 1226

Ano da Vida Consagrada

bíblica

ONDE A BÍBLIA SE FAZ VIDA

Ano 61 / setembro-outubro 2015 / Nº 360 / € 1.50



Papa Francisco

LOUVADO SEJAS

para cuidar da casa comum

Porque foi amaldiçoado o neto de Noé?

A FAMÍLIA ainda educa na FÉ?

Sumário

Ano 61 / Nº 360 / setembro-outubro 2015

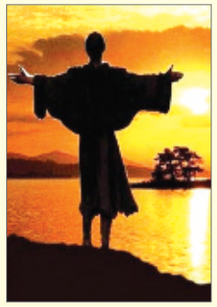
SITUAR a palavra
01 Laudato Si'

ESTUDAR a palavra
03 Porque foi amaldiçoado o neto de Noé, se quem pecou foi o seu pai?
40 A escatologia de 1 Ts 5,1-11

CELEBRAR a palavra
02 Salmo 148
09 Leituras bíblicas de outubro e novembro
24 Cântico do Irmão Sol (*letra e música*)

SECÇÕES
10 VIDA CONSAGRADA: A avó, uma morte e um livro
35 DE SICAR A JERICÓ: Consagrados na Igreja do Papa Francisco
37 EVANGELIZAÇÃO: A Família ainda educa na fé?
44 CRÓNICA: O segredo de Teresa de Jesus
45 MOVIMENTO BÍBLICO: Um Encontro Nacional alargado
46 NOTÍCIAS do mundo bíblico

DOSSIÊ
Laudato Si'



14 Louvado sejas! / síntese e seleção de textos
33 Oração pela nossa Terra
34 Oração cristã com a criação

CAPAS: São Francisco de Assis abraçado à sua irmã e mãe terra (*capa*) e cantando o seu irmão fogo (*contra-capa*). Pinturas de Giustina De Toni, em "O Cântico das Criaturas". Gentileza das Edições Porciúncula, de Assis.

A 4 de outubro celebra-se a festa litúrgica de São Francisco de Assis, falecido na véspera, dia 3 à tarde, em 1226. Pintura de Giustina De Toni, em "O Cântico das Criaturas". Gentileza das Edições Porciúncula, de Assis, como também nas capas.

ASSINATURAS Portugal: € 10,00; **Europa, Macau, Guiné Bissau, S. Tomé e Príncipe:** € 14,50; **Países fora da Europa:** € 17,50; **Assinante Benfeitor:** Quantia superior à indicada para a respetiva assinatura.

PAGAMENTO Adiantado no início do ano, em nome de **Difusora Bíblica**.

Por transferência bancária:
Banco Santander Totta – Fátima.
NIB 0018 0003 37573862020 67
IBAN PT50 0018 0003 37573862020 67
BIC/SWIFT TOTAPTPL
(Envie-nos o comprovativo do Banco).

ATENÇÃO ASSINANTES NO ESTRANGEIRO!
Em virtude das elevadas taxas a pagar por cheques estrangeiros, pedimos o favor de:
> Enviar em nome de "Difusora Bíblica"
> Em euros, sobre um Banco português
> Melhor ainda, por transferência bancária (ver NIB/IBAN, acima).

Já pagou a sua assinatura de 2015? No envelope da revista, a data junto do seu nome é a do ano que já está pago. LEMBRE-SE: esta revista só vive do pagamento dos seus assinantes.

LAUDATO SI´

nome, as razões e os gestos. O nome é Francisco, as razões do nome são as de Francisco de Assis, os gestos de Francisco de Assis fornecem as razões e o nome a esta encíclica *Louvado sejas*. A apresentação que o papa Francisco fez de si mesmo no primeiro dia da sua eleição, foi o primeiro sinal dado à Igreja e ao mundo do estilo de pessoa que era e do ritmo de vida que desejava impor ao seu pontificado. São Francisco de Assis foi a grande referência de inspiração a guiar os seus pensamentos e os seus passos.

É nesta lógica e neste contexto de motivações que aparece a encíclica «*LAUDATO SI´, mi Signore* – Louvado sejas, meu Senhor, cantava São Francisco de Assis», as mesmas palavras com que o santo de Assis começa o Cântico das Criaturas.

Trata-se da segunda encíclica deste Papa (*Lumen Fidei*, 2013, foi a primeira) e no subtítulo se indica que o objetivo é recuperar a consciência ecológica, ou seja, despertar as pessoas para o CUIDADO DA CASA COMUM. Dentro dos princípios da doutrina social da Igreja e longe de objetivos políticos, *Louvado sejas* quer conduzir os cristãos e todas as pessoas de boa vontade para uma educação na responsabilidade ambiental.

A Terra onde habitamos não é propriedade de nenhuma pessoa, nação, política, ideologia ou religião. É a CASA COMUM que nos foi confiada e é património de todos.

A natureza criada é o cenário temporal de toda a história da salvação, incluindo o personagem central, Jesus Cristo. Por isso, educar para a criação, respeitar a natureza, os seres vivos e o ambiente faz parte da missão da Igreja. Tudo começa por uma conversão à ecologia em ordem a «uma aliança entre a humanidade e o ambiente» (nº 209).

Mas esta Terra, onde nós habitamos, não é propriedade de nenhuma pessoa ou nação, de nenhuma política, ideologia ou religião. É a CASA COMUM que nos foi confiada e é património de todos. Para cada um respeitar o que é de todos impõe-se, «para uma plenitude humana», um diálogo aberto e transparente entre o ambiente e as políticas, as economias, as religiões, as ciências e os centros de decisão. Inspirado em Francisco de Assis, Francisco, papa, coloca diante de nós um novo Cântico ao Irmão Sol e a todos os seres vivos num louvor de comunhão universal que envolve toda a criação.

Esta visão franciscana da vida, das coisas e do mundo não é outra coisa senão o reflexo do projeto d´Aquele que nos colocou na Terra para a «*cultivar*» e «*guardar*» (Gn 2,15) e que faz crescer as plantas e sustenta as aves: «*quanto mais não valeis vós do que as aves!*» (Lc 12, 24).

O diretor

bíblica
ONDE A BÍBLIA SE FAZ VIDA

Sócio da AIC nº 258

Diretor
Manuel Rito Dias
Administrador
Luís Manuel Leitão
Chefe de Redação
Lopes Morgado
Redatores Permanentes
Abílio Pina Ribeiro, Acílio Mendes, António Marujo, Ariel Álvarez Valdés, César Pedrosa Pinto, Fernando Ventura, Herculano Alves, João Santos Costa, Manuel Arantes, Vítor Arantes
Direção gráfica
Lopes Morgado
Paginação
Tânia Cordeiro

Edição
DIFUSORA BÍBLICA
(Franciscanos Capuchinhos)
Administração e Redação
Rua de S. Francisco de Assis,160
Apartado 208
2496-908 FÁTIMA
Telefone: 249 530 210
Telemóvel: 926 261 459
Fax: 249 530 214
e-mail:
difusora@difusorabiblica.com
home page:
www.difusorabiblica.com
Telefone: 217 742 445
Telemóvel: 926 261 457
Fax: 217 782 371
Propriedade
Província Portuguesa da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos
Pré-Impressão
Difusora Bíblica/Fátima
Impressão e Acabamento
Sersilito - Empresa Gráfica, Lda.
Apartado 1208 / 4471-909 MAIA
Telefone: 229 436 920
e-mail: sersilito@sersilito.pt
ISSN 0874-3061
Depósito Legal: nº 28340/89
NIF: 500 766 762
Isento de registo na ERC, ao abrigo do decreto regulamentar 8/99 - 9/6 do artigo 12 nº 1a)

Tiragem: 8.000 exemplares

Fecho deste número:
31 de julho

Salmo 148

O Sol é apenas a sombra de Deus.
(Miguel Ângelo)

Louvai o Senhor do alto dos céus,
porque Ele está acima de todos.

Louvai-O, sol e lua,
porque sois apenas a sombra de Deus.

Louvai-O, todos os seus anjos,
que guardais os nossos caminhos.

Louvai-O, estrelas luminosas,
buracos brancos da divindade.

Louvai-O, água da chuva e das fontes
e jardins botânicos das cidades.

Louvai-O, astros do firmamento
e os centros de astronáutica.

Louvai-O, árvores de fruto e cedros
e institutos de biologia.

Louvai-o, feras, répteis e rebanhos
e parques de reserva naturais.

Louvai-O montanhas e colinas
e todos os ecossistemas da natureza.

Louvai-O, reis do mundo e chefes das nações
e humildes da terra.

frei Manuel Rito Dias

**Louvem todos o nome do Senhor,
porque Ele deu uma ordem
e tudo foi criado. (v. 5)**

Porque foi amaldiçoado o neto de Noé se quem pecou foi o seu pai ?

Quando vai decorrer a segunda fase do Sínodo sobre a Família, vem a propósito este texto do Génesis, normalmente mal entendido, em que mais uma vez se relatam factos negativos do tempo dos Patriarcas, longe de uma "idade de ouro" da família.

Ariel Álvarez Valdés

Nu por causa do álcool

Uma das cenas mais estranhas da Bíblia é a que nos conta que um dia Noé adormeceu, por causa de uma bebedeira, e seu filho Cam entrou na sua tenda, viu-o nu – e foi, por isso, amaldiçoado. O incidente teve lugar depois do dilúvio universal, quando Noé e sua família desceram da arca se estabeleceram em terra firme.

O livro do Génesis relata-o assim:

«[18]Os filhos de Noé, que saíram da arca, eram: Sem, Cam e Jafet. Cam era o pai de Canaã. [19]São estes os três filhos de Noé, e por eles foi povoada a Terra inteira.

[20]Noé, que era agricultor, foi o primeiro a plantar a vinha. [21]Tendo bebido vinho, embriagou-se e despiu-se dentro da sua tenda. [22]Cam, o pai de Canaã, ao ver a nudez do pai, saiu a contar o sucedido aos seus dois irmãos.

[23]Então Sem e Jafet agarraram uma capa, colocaram-na sobre os ombros e, andando de costas, cobriram a nudez do pai, sem a terem visto, porque não voltaram o rosto para trás. [24]Quando despertou da sua embriaguez, Noé soube o que tinha feito o seu filho mais novo [25]e disse:

«Maldito seja Canaã!
Que ele seja o último dos servos dos seus irmãos.»

[26]E acrescentou:

«Bendito seja o Senhor, Deus de Sem,
e que Canaã seja seu servo.
[27]Que Deus aumente as posses de Jafet,
e que Ele resida nas tendas de Sem,
e que Canaã seja o seu servo.»

Que pecado foi esse?

Qual foi o pecado de Cam? Era tão grave ter visto a seu pai nu? Porque terá conservado a Bíblia a recordação deste facto? Tais perguntas fazem-nos suspeitar que, por trás do relato, se esconde algo que não se capta à primeira vista. O que será?

Logo no início há um pormenor curioso. Noé aparece como agricultor, a plantar uma vinha. E ocorre-nos perguntar: onde arranjou ele a cepa da videira, se o dilúvio tinha exterminado toda a forma de vida?

O relato não o diz, nem ao autor preocupa a incoerência. Com a cena, ele só quer deixar-nos uma mensagem, e é a seguinte: a terra

Giovanni Bellini (ca. 1433-1516), *Noé embriagado, e seus filhos*. Pintura da Capela Sistina, no Vaticano.

tinha ficado maldita por causa do pecado de Adão e Eva (Gn 3,17-19). Era um imenso deserto e só produzia abrolhos e espinhos. Mas, agora, as águas do dilúvio tinham saneado e purificado outra vez o mundo. Compreendemos isto pelas palavras que Deus disse a Noé, ao terminar a catástrofe: «*De agora em diante, e enquanto existir a terra, sempre se fará sementeira e colheita, haverá frio e calor, haverá inverno e verão, existirá o dia e a noite*» (Gn 8,21-22). Isto é, o mundo tinha sido normalizado.

O dilúvio salutar

Por isso, o autor do Génesis apresenta Noé a cultivar uma vide (a mais preciosa e nobre de todas as plantas da Bíblia), sem pensar se isto era possível ou não depois do dilúvio. Porque quer indicar-nos que a maldição tinha sido levantada. Que Deus tinha devolvido de tal modo a fecundidade à terra, que ela vai produzir nada menos do que vinhedos. Que, no fundo, os seus arrependimentos duram pouco.

Noé, pois, aparece a fazer o contrário de Adão. Adão, com o seu pecado, tinha acarretado o sofrimento e a esterilidade à terra. Noé, pela sua bondade, tinha trazido o alívio e o consolo ao mundo. Com razão, quando ele nasceu, seu pai lhe deu este nome. Pois *Noé*, em hebraico, significa "consolar".

O ensinamento do autor é claro: quando alguém, bom como Noé, aparece sobre a terra, esta volta a ser boa

Uma maldição para o neto

A seguir, o autor passa a relatar o facto central. Um dia Noé embriagou-se com o vinho que a sua vinha produzia, e adormeceu nu na sua tenda. Nesse momento entrou o seu filho Cam, que o texto apresenta como «*pai de Canaã*». Por que motivo o relato insiste, por duas vezes (vv.18 e 22), em que é o pai de Canaã, quando Cam ainda nem sequer tinha filhos?

Então, continua a narrativa, Cam viu a nudez de seu pai e avisou os seus dois irmãos que estavam fora, os quais, não viram a nudez de seu pai. Que pecado existe aqui? Que falta de respeito é ver um pai nu?

Quando Noé acorda e se apercebe do que aconteceu, reage de uma forma duplamente inesperada. Primeiro, lança uma dura maldição tremendamente exagerada para o que Cam tinha feito. E segundo, não amaldiçoa Cam, responsável pelo ato, mas o seu filho, isto é, Canaã. Porque amaldiçoa Noé o seu futuro neto, e não o filho que cometeu o pecado? A esta altura do relato, já não entendemos nada.

Proibido entre parentes

Mas, se analisarmos a história com cuidado, notaremos algo que nos pode ajudar: o texto original não diz que Cam viu o seu pai nu, mas que «*viu a nudez de seu pai*», que não é a mesma coisa. E repete três vezes esta expressão. Que significa «*ver a nudez*», na Bíblia?

O livro do Levítico inclui umas 30 vezes esta frase, e utiliza-a para se referir às relações sexuais com uma pessoa. Por exemplo, Lv 18,8: «*Não descobrirás a nudez da mulher de teu pai*» (isto é, não terás relações com a mulher de teu pai). Lv 18,9: «*Não descobrirás a nudez da tua irmã*» (isto é, não terás relações com a tua irmã). Lv 18,10: «*Não descobrirás a nudez da tua neta*» (isto é, não terás relações com a tua neta). Lv 18,12: «*Não descobrirás a nudez da tua tia*» (isto é, não terás relações com a tua tia). E Lv 18,15: «*Não descobrirás a nudez da tua nora*» (isto é, não terás relações com a tua nora).

Portanto, Cam ter visto «*a nudez de seu pai*», alude a uma relação sexual de Cam. Mas, com quem? Com o seu pai Noé? À primeira vista, não é isso que o texto sugere; não há aqui nenhuma referência a um ato homossexual. Além disso, ao dizer por duas vezes que «*Cam é o pai de Canaã*» afasta-nos ainda mais de um possível ato homossexual.

A linguagem da Bíblia

Então, com quem teve, Cam, relações sexuais? O Levítico ajuda-nos mais uma vez. Quando «*a nudez*» que se proíbe ver, a um homem, não é a de uma mulher, mas a de outro homem, não se está a proibir a relação homossexual com "esse" homem (as relações sexuais entre homens supunham-se proibidas), mas com a esposa desse homem.

Para dizê-lo com outras palavras: na Bíblia, a nudez de um homem é "a sua esposa". Por exemplo: a nudez do pai é "a esposa" do pai; a nudez do irmão é "a esposa" do irmão.

O Levítico também o exprime, claramente: «*Não descobrirás a nudez do irmão do teu pai, isto é, a da sua esposa*» (Lv 18,14). Ou: «*Se um homem se deita com a mulher de seu pai, descobriu a nudez de seu pai*» (Lv 20,11). Ou também: «*Um homem descobriu a nudez de seu irmão, se se casa com a mulher dele*» (Lv 20,21).

> **"Na Bíblia, "a nudez" de um homem é a sua esposa. Portanto, Cam ter visto a nudez de seu pai Noé significa, em linguagem bíblica, que se deitou com a esposa de Noé – a sua mãe.**

Em todos os casos, "a nudez" de um homem é a sua esposa. Portanto, e voltando à nossa história, Cam ter visto a nudez de seu pai Noé significa, em linguagem bíblica, que se deitou com a esposa de Noé. Definitivamente, com a sua própria mãe.

Nascido com vergonha

Deste modo, esclarecem-se todas as interrogações:

a) entende-se por que motivo Noé, ao saber, lançou uma maldição: porque seu filho, aproveitando-se da sua embriaguez, cometera um incesto, um dos pecados mais aberrantes segundo a Bíblia;

b) entende-se o motivo por que Noé não amaldiçoa o seu filho Cam, mas o seu neto Canaã: porque este será o fruto do incesto;

c) entende-se o porquê da insistência em Cam ser o pai de Canaã: porque o relato não pretende centrar a atenção em Cam pecador, mas no seu futuro filho Canaã, que será maldito desde as suas origens por nascer como fruto de um pecado.

O Génesis diz que, depois de «*ver a nudez de seu pai*», Cam «*avisou os seus dois irmãos que estavam fora*». Este "aviso" era, evidentemente, um convite para que eles fizessem o mesmo. Mas o livro esclarece que eles «*não viram a nudez de seu pai*»; em vez disso, entraram às arrecuas na tenda, e cobriram-no.

Com isto, mostra-se a recusa de Sem e Jafet em cair no incesto, e explica-se a bênção que o pai, depois, deu a estes dois irmãos.

Memórias de alcova?

Falta-nos resolver uma última questão. Porquê recordar um pecado tão doméstico e

Pieter Bruegel, O Velho (Breda, 1525 - Bruxelas, 1569), *Batalha de Guilboa*. Nesta batalha entre os filisteus e Israel, foram mortos os soldados israelitas e os três filhos do rei Saul, este suicidou-se e o seu escudeiro também. Leia 1 Samuel 31,1-7.

privado, como o incesto de Cam e sua mãe conservado nas Sagradas Escrituras? Apenas para nos dizer que o incesto é mau?

Não; porque, atendendo às últimas palavras do relato – ou seja, às maldições e bênçãos lançadas por Noé ao acordar (vv.25-27) –, vemos que este não é um simples acontecimento familiar, mas está carregado de intenções políticas.

De facto, os principais personagens desta história são os três filhos de Noé: Sem, Cam (com o seu futuro filho Canaã) e Jafet. E, para a mentalidade popular hebraica, esses três irmãos simbolizavam três povos. Sem representava os "semitas" – portanto, a eles mesmos; Canaã, os cananeus, seus tradicionais inimigos; Jafet, os filisteus, o povo que partilhou com os israelitas a Terra Prometida durante vários séculos.

Ora bem, quando Israel se apoderou da Terra Prometida (que então se chamava Canaã), pôde derrotar os seus principais habitantes (os cananeus) e escravizá-los (Js 24,11-13). Mas em Canaã também existia um povo ao qual Israel jamais conseguiu dominar nem submeter: os filisteus. Estes tinham chegado à Terra Prometida quase ao mesmo tempo que os israelitas, só que por outro lado: estes entraram pelo lado este, e os filisteus, pelo oeste, instalando-se na costa do país, da qual nunca puderam ser expulsos.

O povo misterioso

Século após século, Israel via falhar a sua tentativa de dominar os filisteus. Estes mantinham-se livres e fortes, e chegaram mesmo a submeter também os vizinhos cananeus. E uma dúvida começou a atormentar os israelitas: não era a eles que Deus tinha dado a Terra Prometida? Não lhes tinha garantido que submeteriam todos os povos nela residentes (Ex 23,23)? Que aconteceu com os filisteus? Não teve Javé o poder suficiente para cumprir a sua promessa até ao fim? Esta questão perturbava-os profundamente.

Até que, ao refletirem sob a inspiração de Deus, encontraram a resposta: os filisteus ficaram no país, não porque Deus os não pudesse expulsar, mas porque tal foi a sua vontade desde o princípio. Deus tinha disposto que os filisteus também se apoderassem de uma parte da Terra Prometida, tal como os israelitas se apoderaram do resto. Estes só deviam escravizar e submeter os cananeus, pelos pecados aberrantes que cometiam.

Por isso imaginaram este relato, com intenção didática, no qual Noé já no princípio do mundo aparece a profetizar o que eles, na realidade, descobriram mais tarde na história: «*Que Canaã* (quer dizer, os cananeus) *seja maldito, e seja o servo dos seus dois irmãos. Que Sem* (isto é, os israelitas) *seja bendito e Canaã seja seu escravo. Que Jafet* (ou seja, os filisteus) *se estenda e habite no meio dos acampamentos de Sem, e Canaã seja seu escravo*» (vv.25-27).

Portanto, esta narrativa não tem conotações sexuais, mas políticas; e foi composta para explicar uma situação que se tinha verificado na história de Israel: a escravidão dos cananeus e a sobrevivência dos filisteus.

Os maus passos de duas filhas

Que a interpretação é correta, vê-se por outro episódio do Génesis: a origem dos moabitas e amonitas (Gn 19,30-38). Estes dois povos, vizinhos de Israel, habitavam ao oriente do rio Jordão, e eram muito odiados pelos israelitas. Tal ódio devia-se a que, em várias ocasiões ao longo da história, eles tinham cruzado a fronteira para invadir, saquear e cometer toda a classe de humilhações contra as povoações hebraicas. Mesmo quando Nabucodonosor destruiu a cidade sagrada de Jerusalém, eles colaboraram com a destruição, coisa que os judeus nunca lhes perdoaram (2 Rs 24,2).

Tal era o ódio que sentiam por estes dois povos, que a Lei judaica proibia terminantemente admitir a algum deles no povo eleito até à décima geração. Isto é, não só os amonitas ou moabitas, mas todo aquele que tivesse a um deles, ainda que fosse muito remoto, entre os seus antepassados (Dt 23,4).

E como conta a tradição judaica a origem desses dois povos? Diz que, certo dia, as duas filhas de Lot (o sobrinho de Abraão), tiveram um diálogo muito angustioso. Não restavam homens com quem casar, porque recentemente o fogo tinha descido do céu sobre Sodoma e Gomorra, e tinha destruído também as cidades dos arredores. Iriam elas morrer solteiras e sem filhos?

Outro pai embriagado

O seu estado de solteiras, não o podiam remediar. Mas, pelo menos a falta de filho, sim. Nessa noite, a mais velha embebedou o seu pai e deitou-se com ele. No dia seguinte, a mais nova fez o mesmo. Deste modo, ambas ficaram grávidas – de seu próprio pai!

O filho da mais velha chamou-se Moab, e dele descenderam todos os moabitas. O filho da mais nova chamou-se Ben Ammi, e dele descenderam todos os amonitas.

Assim, mediante estes relatos degradantes e vergonhosos, nascidos da chispa politiqueira e não da história, os israelitas vingaram-se dos seus aborrecidos inimigos, por todos os males que deles tinham sofrido.

Como vemos, esta narrativa tem uma coincidência assombrosa com a de Noé: o pai embriagado, a relação incestuosa, o filho de-

Orazio Gentileschi, pintor caravagista (Pisa, 1563 - Londres, 1639), *Lot e as suas filhas*. Ao fundo, o fogo de Sodoma, que também ardia nas duas irmãs.

Benjamin West (EUA,1738 - Londres,1820), *Lot e suas filhas fogem de Sodoma*. Leia Génesis 19,12-38.

la nascido, um povo inimigo descendente dele. Por isso, as duas foram compostas com a mesma finalidade: explicar e justificar a situação política entre Israel e estes povos.

A tão temida escravidão

Havia três irmãos: Sem, Cam e Jafet. Nascidos na mesma família, do mesmo pai e da mesma mãe. Felizes. Cheios de magníficos projetos. Chamados por Deus para algo de grande e glorioso. Mas um acabou escravo, e os outros dois, livres. Um ficou sujeito, e os outros tornaram-se seus amos. Para um a vida tornou-se um inferno, e para os outros, uma plenitude. E tudo por culpa do pecado!

Esta é a primeira vez que a Bíblia fala da escravidão, a instituição mais espantosa inventada pelo ser humano. Onde alguém experimenta a morte em vida. Onde não pode decidir por si mesmo, nem fazer o que lhe agrada, nem ir aonde quer, nem ter amigos, nem ser feliz. Só tem um amo que manda nele; alguém que, de cima, lhe ordena o que ele não quer fazer, o priva dos seus sonhos, o amputa nas suas ilusões e o degrada.

Se bem que entre nós, hoje, já não exista essa instituição, contudo, na vida diária, com cada pecado, tornamo-nos escravos, menos livres, menos donos de nós mesmos, mais dependentes: do que fizemos, daquilo que dissemos, do mal que gerámos, do vício em que nos obstinámos. Até já não podermos levantar a cabeça, nem olhar o mundo de frente, nem ir aonde queremos – pois temos que obedecer ao nosso novo amo: o pecado.

Jesus disse-o, com toda a crueza, sem precisar de recorrer a nenhuma história inventada: «*Todo aquele que comete pecado, é servo do pecado*» (Jo 8,34). Acreditemos n'Ele.

Por isso, livrar-nos do pecado é tirar de cima de nós um pesado jugo que não nos deixa gozar da liberdade dos filhos de Deus.

Jesus veio para nos devolver essa liberdade. Para que todas as pessoas voltem a ser como aqueles três irmãos, antes de Cam pecar.

Leituras Bíblicas

outubro e novembro

Do XXVII Comum ao I do Advento

04 de outubro
XXVII DOMINGO COMUM
1ª: Gn 2,18-24. **Salmo** 128/127,1-2.3.4-5.6 **R/** *O Senhor nos abençoe em toda a nossa vida.* **2ª:** Heb 2,9-11. **Evangelho:** Mc 10,2-16.
Semana III do Saltério.

11 de outubro
XXVIII DOMINGO COMUM
1ª: Sb 7,7-11. **Salmo** 90/89, 12-13.14-15.16-17. **R/** *Enchei-nos, Senhor, da vossa misericórdia: será ela a nossa alegria.* **2ª:** Heb 4,12-13. **Evangelho:** Mc 10,17-30.
Semana IV do Saltério.

18 de outubro
XXIX DOMINGO COMUM
1ª: Is 53,10-11. **Salmo** 33/32,4-5.18-19.20.21. **R/** *Desça sobre nós a vossa misericórdia, porque em Vos esperamos, Senhor.* **2ª:** Heb 4, 14-16. **Evangelho:** Mc 10, 35-45. *Semana I do Saltério.*

25 de outubro
XXX DOMINGO COMUM
1ª: Jr 31,7-9. **Salmo** 126/125, 1-2ab.2cd-3.4-5.6. **R/** *O Senhor fez maravilhas em favor do seu povo.* **2ª:** Heb 5,1--6. **Evangelho:** Mc 10,46-52.
Semana II do Saltério.

"Eu sou o Alfa e o Ómega, Aquele que é, que era e que há de vir, o Senhor do Universo."

II Leitura da Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo.

01 de novembro
XXXI DOMINGO COMUM
TODOS OS SANTOS (Solenidade)
1ª: Ap 7,2-4.9-14. **Salmo** 24 (23),1-2.3-4ab.5-6. **R/** *Esta é a geração daqueles que Vos procuram, Senhor.* **2ª:** 1 Jo 3,1-3. **Evangelho:** Mc 5,1--12a. *Semana III do Saltério.*

08 de novembro
XXXII DOMINGO COMUM
1ª: 1 Rs 17,10-16. **Salmo** 146 /145,7.8-9a.9bc-10. **R/** *Ó minha alma, louva o Senhor.* **2ª:** Heb 9,24-28. **Evangelho:** Mc 12,38-44.
Semana IV do Saltério.

15 de novembro
XXXIII DOMINGO COMUM
1ª: Dn 12,1-3. **Salmo** 16/15, 5.8.9-10.11. **R/** *Defendei-me, Senhor: Vós sois o meu refúgio.* **2ª:** Heb 10,11-14.18. **Evangelho:** Mc 13,24-32.
Semana I do Saltério.

22 de novembro
XXXIV DOMINGO COMUM
Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo
1ª: Dn 7,13-14. **Salmo** 93/92, 1ab.1c-2.5. **R/** *O Senhor é rei num trono de luz.* **2ª:** Ap 1,5-8. **Evangelho:** Jo 18,33b--37. *Semana II do Saltério.*

29 de novembro
I DOMINGO DO ADVENTO
1ª: Jr 33,14.16. Salmo 25/24, 4bc-5ab.8-9. 10 e 14. **R/** *Para Vós, Senhor, elevo a minha alma.* **2ª:** 1 Ts 3,12–4,2. **Evangelho:** Lc 21,25-28. 34--36. *Semana I do Saltério.*

Isabel Balbino
Franciscana Missionária de Maria

A avó, uma morte e um livro

Uma avó que ensinava a cuidar de animais e a crescer olhando para a vida; um livro sobre Francisco de Assis mostrando um rosto de alguém que "não faz do outro um adversário"; a morte do pai, como momento em que entendeu que a vida tinha de ser agarrada.

LOPES MORGADO

António Marujo / jornalista *

Isabel Balbino, actual jovem professa nas Franciscanas Missionárias de Maria (FMM), trabalhava há seis anos como enfermeira quando o pai morreu subitamente, em Outubro de 2002, tinha ela 28 anos. Foi no mesmo dia em que era beatificada a fundadora das FMM. «Percebi vivencialmente, pela primeira vez, que a vida tinha um fim. E que, se eu queria agarrar qualquer coisa, não podia adiar eternamente.»

Voltou-lhe, então, o "impacto" da história de Francisco de Assis quando lera *O Irmão de Assis*, de **Inácio Larrañaga**. Através do livro, descobrira a "fraternidade universal" e um Deus para além daquele que tinha conhecido na aldeia em que vivia: «Ao ouvir, parecia-me que tudo se reduzia a sermos pessoas certinhas e cumprir alguns ritos...»

Francisco, o livro e a pessoa, mostrara-lhe «um Deus diferente, activo, presente, que mexe com as pessoas». Ao ir falar com o sultão muçulmano, alguém que tinha valores diferentes dos seus, revelava que a sua posição é a de quem «não faz do outro um adversário», mas um próximo.

São Francisco «tenta encontrar um Jesus Cristo sem preconceitos, perguntando o que ele tinha para dizer; passa de uma ideia de Deus a uma relação, passa do diálogo com o crucifixo de São Damião para o diálogo face a face». E, através de Francisco de Assis, Isabel descobriu Jesus como «o expoente» do que lhe faz sentido.

A morte do pai trouxe-lhe essas reflexões de novo à tona. Voltou a contactar as FMM e leu outros autores, como **Henri Nouwen**. «Eu não gostava da vida religiosa», recorda a irmã Isabel; «em adolescente, conheci algumas irmãs ríspidas e, em Fátima, impressionava-me quando via outras de cabeça baixa e olhar sisudo.» Porém, quando bateu à porta das FMM em Lisboa, encontrou a irmã **Isabel Martins**, uma pessoa «acolhedora, simples e nada formal» que a fez olhar de outra maneira para esta realidade.

"Faltava uma casa"

Nascida em Maio de 1974, em Hamburgo (Alemanha), onde os pais estavam emigrados, Isabel Balbino foi viver, aos quatro anos, para Raposos (Nazaré), de onde os pais eram originários. Fez a escola entre São Martinho do Porto e Alcobaça. Durante alguns meses, ficou só com a avó paterna, enquanto os pais não regressavam a Portugal.

Uma experiência que seria marcante: a avó **Ana** era uma pessoa com um tacto natural para lidar com a gente, encarar os problemas com naturalidade e gerir conflitos. Uma matriarca que, com cinco filhos e treze netos, reunia toda a família à sua volta. Além de cuidar do campo e da «muita bicharada», fazia a neta participar da vida quotidiana, pedindo-lhe ajuda nas tarefas de casa, segundo o que a pequena Isabel era capaz de fazer.

Decidida mais tarde pela enfermagem, Isabel Balbino estudou depois no Porto e trabalhou nas Caldas da Rainha e em Alcobaça, durante nove anos. Quando o pai morreu, exercia ela a profissão há seis anos, pediu para trabalhar a meio-tempo e poder, assim, apoiar a mãe e os dois irmãos mais novos (um com 20 e outro com 11 anos).

«Gostava do que estava a viver, mas faltava-me alguma coisa», recorda, agora. Estava envolvida nos escuteiros e na catequese, mas queria mais: «Tinha uma vida agradável, mas não tinha uma 'casa', uma consistência.»

Nos três anos seguintes, participou em encontros das FMM que, em 2005, lhe propõem uma experiência missionária em Moçambique, fazendo enfermagem. Um mês que não foi fácil: «Vi pessoas à beira da morte, incluindo crianças. Sofriam com uma capacidade enorme de continuar com a vida para a frente.»

Quando regressou, com 31 anos, integrou já uma comunidade das FMM. Passou por Lisboa, Arcozelo (Barcelos) e Fratel (Vila Velha de Ródão), percorrendo as etapas de integração e trabalhando em áreas diversas: formação pessoal, religiosa e pastoral, jardim infantil, apoio a irmãs idosas, animação paroquial. Pelo meio, fez os primeiros votos em 2009, no final dessas andanças voltou a Lisboa, para a casa provincial.

"Vi pessoas à beira da morte, incluindo crianças."

Entre 2012 e este ano, depois de escutar a irmã **Júlia Bacelar**, das irmãs Adoradoras, falar sobre o tráfico humano, Isabel Balbino integrou também a Comissão de Apoio às Vítimas de Tráfico de Pessoas, instituída no âmbito da Conferência dos Institutos Religiosos Portugueses. «Senti que ali era o ponto onde se jogava o mais difícil, porque a pessoa perde tudo: laços, referências, amigos, liberdade, afecto, dinheiro e documentos. Só ficam com a pobreza e o isolamento. Ter a mão e o ouvido de alguém pode fazer a diferença; eu decidi ajudar com o que tinha.»

"Alarga o espaço da tua tenda"

Entre 2013 e 2015 procurou ter um papel mais activo na paróquia de Nossa Senhora de Fátima, particularmente na equipa social e no Banco Alimentar Contra a Fome. Defrontou-se com situações de abandono escolar, desemprego, carências de habitação, higiene e alimentação, famílias instáveis com vários filhos, imigrantes, ciganos, idosos a viver sozinhos, sem-abrigo com dificuldades de integração...

Viu-se a irmã Isabel, nas várias situações, numa missão de «estar com», que considera ser uma dimensão fundamental na Igreja: «O fundamental é ser pontífice, estabelecer a ponte entre Deus e as pessoas.» Sobre a possibilidade de as mulheres acederem ao ministério presbiteral, diz: «Não consigo ver claro e tomar posição consistente, embora não reconheça nenhuma razão sustentável que o impeça. Mas também não me vejo a reivindicar, no presente da história, tal ministério. A clarividência é um fruto que requer amadurecimento e tempo.»

Em Lisboa, Isabel Balbino estudou psicologia, área de que se aproximou depois de um trabalho de autoconhecimento durante o noviciado. Isso permitiu-lhe aprofundar conhecimentos importantes para a escuta, a pastoral vocacional e o apoio a jovens. E também para entender melhor a pessoa humana, a religião e a fé. «Descobri pessoas com dúvidas que, muitas vezes, eram as que **procuravam mais coerência.**»

> **"Tinha uma vida agradável, mas não tinha uma 'casa', uma consistência. E, através de Francisco de Assis, Isabel descobriu Jesus como «o expoente» do que lhe faz sentido.**

Na vida comunitária, a psicologia tem ajudado: «O facto de sermos todas religiosas não quer dizer que temos todas os mesmos valores ou que vivamos da mesma forma o quotidiano. Por isso, compreender o mundo de cada pessoa, investir em fazer pontes ou em viver as alegrias e o sofrimento umas das outras são também formas de contribuir para a vida comunitária. **Na medida em que construímos laços de amizade e aprofundamos laços espirituais da fé, conseguimos manter uma rede em que a comunicação e o conhecimento mútuo são fundamentais para viver o Evangelho.**»

Sente que a vida religiosa está a atravessar a mudança do resto da Igreja: «A religião, tal como a entendia, era mais dogmática e ritualista, Deus impunha-se pelas regras e o medo.» Agora, «estamos a tentar perceber, como Igreja, um Deus em que o Espírito tem primazia sobre a letra». Na vida religiosa, acrescenta-se a importância de traduzir esse espírito em princípios «da auscultação de cada um, num tom mais humanista e mais evangélico».

A história de Isabel Balbino terá, agora, mais um recomeço: no final de Agosto, partirá para o Quénia, para uma nova missão. Começará por conhecer as diferentes comunidades e só depois terá um trabalho mais específico: «Há um sobressalto pelo desconhecido, mas não sinto essa angústia: o que me é mais querido está entranhado em mim. Eu sou feita de mim, das pessoas que me rodeiam e da promessa de Deus, e tudo isso vai comigo. Sinto-me a cumprir o pedido que lemos no livro de Isaías: ***Alarga o espaço da tua tenda***.»

** O autor escreve segundo a anterior norma ortográfica.*

Alguns eixos que atravessam toda a encíclica

«Espero que esta carta encíclica,
que se insere no magistério social da Igreja,
nos ajude a reconhecer a grandeza,
a urgência e a beleza do desafio
que temos pela frente.»

FRANCISCO, Papa

Em primeiro lugar, •farei uma breve resenha dos **vários aspetos da atual crise ecológica**, com o objetivo de assumir os melhores frutos da pesquisa científica atualmente disponível, deixar-se tocar por ela em profundidade e dar uma base concreta ao percurso ético e espiritual seguido.

A partir desta panorâmica, •retomarei **algumas argumentações que derivam da tradição judaico-cristã**, a fim de dar maior coerência ao nosso compromisso com o meio ambiente.

Depois •procurarei chegar às **raízes da situação atual**, de modo a individualizar não apenas os seus sintomas, mas também as causas mais profundas. Poderemos assim propor uma ecologia que, nas suas várias dimensões, integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que o rodeia.

À luz desta reflexão, •quereria dar mais um passo, verificando algumas das **grandes linhas de diálogo e de ação** que envolvem seja cada um de nós seja a política internacional.

Finalmente, convencido – como estou – de que toda a mudança tem necessidade de motivações e dum caminho educativo, •proporei algumas **linhas de maturação humana** inspiradas no tesouro da experiência espiritual cristã» (*nº 15*).

Embora cada capítulo tenha a sua temática própria e uma metodologia específica, o seguinte retoma por sua vez, a partir duma nova perspetiva, questões importantes abordadas nos capítulos anteriores. Isto diz respeito especialmente a **alguns eixos que atravessam toda a encíclica.**

Por exemplo: •**a relação** íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, •**a convicção** de que tudo está estreitamente interligado no mundo, •**a crítica** do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, •**o convite** a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, •**o valor** próprio de cada criatura, •**o sentido** humano da ecologia, •**a necessidade** de debates sinceros e honestos, •a grave responsabilidade da política internacional e local, •**a cultura** do descarte e •**a proposta** dum novo estilo de vida.

Estes temas nunca se dão por encerrados nem se abandonam, mas são constantemente retomados e enriquecidos» (*nº 16*).

LOUVADO SEJAS!

Laudato Si'

Carta Encíclica do Papa Francisco
Sobre o Cuidado da Casa Comum

SÍNTESE de Manuel Rito Dias

Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão a crescer? Se não pulsa nelas esta pergunta de fundo, não creio que as nossas preocupações ecológicas possam alcançar efeitos importantes (nº 160).

Não se trata de um documento político nem científico, mas pastoral. Embora coloque questões importantes aos políticos e aos cientistas, o papa dirige-se especialmente aos cristãos num apelo à responsabilidade para com a criação. Também não é um documento verde, como se tem dito, mas teológico. Do ponto de vista ecológico é, de facto, verde, mas um verde criado por Deus e onde o ser humano tem um papel especial no cuidado das coisas criadas em ordem a poder ser mais ou menos verde para um novo estilo de vida.

Inspirado na visão franciscana da vida e com uma atenção especial para com os mais débeis, o documento diz claramente que «***entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada***» (nº 2).

Francisco vai buscar apoio para a sua palavra e pensamento na palavra e autoridade de documentos dos papas anteriores: *Pacem in Terris* de São João XXIII, *Redemptor Hominis* de São João Paulo II, *Caritas in Veritate* de Bento XVI e ainda o testemunho do Patriarca ortodoxo Bartolomeu.

1. A pegada ecológica

O papa, antes de mais, abre uma janela para vermos «**o que está a acontecer à nossa terra**»: mudanças climáticas provocadas pela «**cultura do descarte**», poluição, excesso de resíduos, aquecimento global que «**provocará a extinção de parte da biodiversidade do Planeta**» (24). A escassez de água e a falta de qualidade de água potável, além de provocar a perda de biodiversidade, influi negativamente na falta de qualidade de vida, põe em perigo algumas cidades costeiras e, sobretudo em certos países pobres, provoca doenças causadas por micro-organismos.

A pegada ecológica continua a crescer e põe em risco a sustentabilidade ambiental da Terra. O que as pessoas gastam pelo uso de ►17

São Francisco e as criaturas por ele amadas e cantadas.

São Francisco de Assis

O papa diz, claramente, que o grande inspirador desta encíclica é São Francisco de Assis, de quem «**tomei o seu nome por guia e inspiração, no momento da minha eleição para Bispo de Roma.**

Acho que Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade.

É o santo padroeiro de todos os que estudam e trabalham no campo da ecologia, amado também por muitos que não são cristãos.

Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. Amava e era amado pela sua alegria, a sua dedicação generosa, o seu coração universal. Era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenhamento na sociedade e a paz interior» (10).

«**O seu testemunho mostra-nos também que uma ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põem em contacto com a essência do ser humano. (…) A sua reação ultrapassava de longe uma mera avaliação intelectual ou um cálculo económico, porque, para ele, qualquer criatura era uma irmã, unida a ele por laços de carinho. Por isso, sentia-se chamado a cuidar de tudo o que existe. (...)**

A pobreza e a austeridade de São Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de mais radical: uma renúncia a fazer da realidade um mero objeto de uso e domínio» (11).

Depois deste testemunho em favor do padroeiro da ecologia, o papa lança um «**convite urgente**» para unir a família humana em ordem a proteger a casa comum e buscar um «**desenvolvimento sustentável e integral**». Reconhece que os diversos movimentos ecológicos já fizeram grandes esforços, mas muitos deles fracassaram ou «**pela recusa dos poderosos**», ou pelo desinteresse, indiferença ou falta de solidariedade (14).

A desflorestação é uma das principais causas do aquecimento global.

"A **pegada ecológica** continua a crescer e põe em risco a sustentabilidade ambiental da Terra. O que as pessoas gastam pelo uso de produtos, dos consumos, destruições e transformações não é reposto na mesma quantidade na natureza, nas matérias primas e nas indústrias."

RESÍDUOS

Produzem-se anualmente centenas de milhões de toneladas de resíduos, muitos deles não biodegradáveis: resíduos domésticos e comerciais, detritos de demolições, resíduos clínicos, eletrónicos e industriais, resíduos altamente tóxicos e radioactivos. **A terra, nossa casa, parece transformar-se cada vez mais num imenso depósito de lixo.** Em muitos lugares do planeta, os idosos recordam com saudade as paisagens de outrora, que agora vêem submersas de lixo. Tanto os resíduos industriais como os produtos químicos utilizados nas cidades e nos campos podem produzir um efeito de bioacumulação nos organismos dos moradores nas áreas limítrofes, que se verifica mesmo quando é baixo o nível de presença dum elemento tóxico num lugar. Muitas vezes só se adoptam medidas quando já se produziram efeitos irreversíveis na saúde das pessoas. **(nº 21)**

produtos, pelos consumos, destruições e transformações não é reposto na mesma quantidade na natureza, nas matérias primas e nas indústrias. «**O custo dos danos provocados pela negligência egoísta é muitíssimo maior do que o benefício económico que se possa obter**» (36).

O perigo desta deterioração do ambiente tem muitas origens: «**formas de poluição que afetam diariamente as pessoas**»*:* os resíduos, muitos deles não degradáveis, o excesso de produtos descartáveis, o aquecimento do ar a provocar a extinção de espécies de seres vivos e da floresta, a contaminação dos mares e dos rios.

Diante destas realidades, «**muitos daqueles que detêm mais recursos e poder económico ou político parecem concentrar-se sobretudo em mascarar os problemas ou ocultar os seus sintomas, procurando apenas reduzir alguns impactos negativos de mudanças climáticas. Mas muitos sintomas indicam que tais efeitos poderão ser cada vez piores, se continuarmos com os modelos atuais de produção e consumo.**

Por isso, tornou-se urgente e imperioso o desenvolvimento de políticas capazes de fazer com que, nos próximos anos, a emissão de anidrido carbónico e outros gases altamente poluentes se reduza drasticamente, por exemplo, substituindo os combustíveis fósseis e desenvolvendo fontes de energia renovável» (26).

Tudo isto condiciona a qualidade da vida humana, as relações sociais, o quotidiano das cidades. E, por isso, «**não há espaço para a globalização da indiferença**» (52).

"Não há espaço para a globalização da indiferença.

2. Fazemos parte do universo

O Cântico das Criaturas de São Francisco não é um hino ao universo, mas um gesto de louvor a Deus que nos fala através das coisas criadas, pelas quais reconhecemos e subimos ao Criador. Era a fé no Criador que iluminava a mente e o coração de Francisco para ficar encantado diante da natureza.

«As narrações bíblicas sugerem que a existência humana se baseia em três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra. Segundo a Bíblia, estas três relações vitais romperam-se não só exteriormente, mas também dentro de nós.

Esta rutura é o pecado. A harmonia entre o Criador, a humanidade e toda a criação foi destruída por termos pretendido ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecermo-nos como criaturas limitadas. Este facto distorceu também a natureza do mandato de "dominar" a terra (Gn 1,28) **e de a "cultivar e guardar"** (Gn 2,15).

«Como resultado, a relação originariamente harmoniosa entre o ser humano e a natureza transformou-se num conflito (Gn 3,17-19). **Por isso, é significativo que a harmonia vivida por São Francisco de Assis com todas as criaturas tenha sido interpretada como uma sanação daquela rutura. Dizia São Boaventura que, através da reconciliação universal com todas as criaturas, Francisco voltara de alguma forma ao estado de inocência original»** (66).

PRIVATIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Nalguns lugares, rurais e urbanos, **a privatização dos espaços tornou difícil o acesso dos cidadãos a áreas de especial beleza; noutros, criaram-se áreas residenciais "ecológicas" postas à disposição só de poucos**, procurando-se evitar que outros entrem a perturbar uma tranquilidade artificial. **Muitas vezes encontra-se uma cidade bela e cheia de espaços verdes e bem cuidados nalgumas áreas "seguras", mas não em áreas menos visíveis, onde vivem os descartados da sociedade. (nº 45)**

DEGRADAÇÃO SOCIAL

Entre os componentes sociais da mudança global, incluem-se os efeitos laborais dalgumas inovações tecnológicas, a exclusão social, a desigualdade no fornecimento e consumo da energia e doutros serviços, a fragmentação social, o aumento da violência e o aparecimento de novas formas de agressividade social, o narcotráfico e o consumo crescente de drogas entre os mais jovens, a perda de identidade. São alguns sinais, entre outros, que mostram como **o crescimento nos últimos dois séculos não significou, em todos os seus aspetos, um verdadeiro progresso integral e uma melhoria da qualidade de vida**. Alguns destes sinais são ao mesmo tempo sintomas duma verdadeira degradação social, duma silenciosa rutura dos vínculos de integração e comunhão social. **(nº 46)**

Giotto, *São Francisco pregando às aves*.

Criação e natureza

Este mundo não existe por acaso e as coisas, não sendo propriedade de ninguém, não podem ser consideradas sem dono. O mistério do universo e a presença nele do ser humano supõe uma harmonia entre todas as coisas e uma comunhão universal em ordem ao destino comum de todos os bens. Isto implica **«respeito pelas leis da natureza e os delicados equilíbrios entre os seres deste mundo»** (68).

Depois de diversas referências bíblicas, o papa afirma: **«Na tradição judaico-cristã, dizer «criação» é mais do que dizer natureza, porque tem a ver com um projeto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado.**

A natureza entende-se habitualmente como um sistema que se analisa, compreende e gere, mas a criação só se pode conceber como um dom que vem das mãos abertas do Pai de todos, como uma realidade ilu-

minada pelo amor que nos chama a uma comunhão universal» (76).

Algumas consequências de tudo isto nas relações humanas: «**Neste universo, composto por sistemas abertos que entram em comunicação uns com os outros, podemos descobrir inumeráveis formas de relação e participação. Isto leva-nos também a pensar o todo como aberto à transcendência de Deus, dentro da qual se desenvolve**» (79).

Consequências para a fé: «**A fé permite-nos interpretar o significado e a beleza misteriosa do que acontece**» (79).

Papel da liberdade humana: «**A liberdade humana pode prestar a sua contribuição inteligente para uma evolução positiva, como pode também acrescentar novos males, novas causas de sofrimento e verdadeiros atrasos. Isto dá lugar à apaixonante e dramática história humana, capaz de transformar-se num desabrochamento de libertação, engrandecimento, salvação e amor, ou, pelo contrário, num percurso de declínio e mútua destruição**» (79).

Responsabilidade dos cristãos: «**Por isso a Igreja, com a sua ação, procura não só lembrar o dever de cuidar da natureza, mas também e sobretudo proteger o ser humano da destruição de si mesmo**» (79).

Ninguém tem o direito de se considerar superior aos outros quanto ao uso das coisas e à sua função social. Infelizmente com frequência admitimos «**que alguns se sintam mais humanos que outros, como se tivessem nascido com maiores direitos**» (90).

“Ninguém tem o direito de se considerar superior aos outros quanto ao uso das coisas e à sua função social.

3. Riscos do progresso o homem no centro sem antropocentrismo

«**Não podemos, porém, ignorar que a energia nuclear, a biotecnologia, a informática, o conhecimento do nosso próprio ADN e outras potencialidades que adquirimos, nos dão um poder tremendo. Ou melhor: dão, àqueles que detêm o conhecimento e, sobretudo, o poder económico para o desfrutar, um domínio impressionante sobre o conjunto do género humano e do mundo inteiro**» (104).

Nunca a humanidade teve em suas mãos tanto poder sobre a terra e suas potencialidades. Porém, o progresso não é um fim em si mesmo, mas um caminho para a felicidade e bem-estar do ser humano. Nem sempre a capacidade humana orientou as potencialidades da Terra para os melhores objetivos.

Os 10 Mandamentos da Ecologia

01. Mudar os estilos de vida.
02. Aprender a parar para poder admirar.
03. Limitar o uso dos recursos não renováveis.
04. Recuperar os valores arrasados pelo excesso de consumismo.
05. Acesso de todos ao trabalho.
06. Educar para a responsabilidade ambiental.
07. Os cristãos, serem “protetores da obra de Deus”.
08. Reconhecer o Planeta como Pátria e a humanidade como povo que habita uma casa comum.
09. Não submeter a política à economia.
10. Voltar ao espírito contemplativo de Francisco de Assis.

“Nunca a humanidade teve em suas mãos tanto poder sobre a terra e suas potencialidades. Porém, o progresso não é um fim em si mesmo, mas um caminho para a felicidade e bem-estar do ser humano.”

Eis três poderosos meios de destruição maciça:

- **As bombas atómicas lançadas em pleno século XX.**
- **A exibição de tecnologia ostentada pelo nazismo.**
- **O comunismo e outros regimes totalitários** (104).

«**A fragmentação do saber realiza a sua função no momento de se obter aplicações concretas, mas frequentemente leva a perder o sentido da totalidade, das relações que existem entre as coisas, do horizonte alargado: um sentido, que se torna irrelevante (…)**

Uma ciência, que pretenda oferecer soluções para os grandes problemas, deveria necessariamente ter em conta tudo o que o conhecimento gerou nas outras áreas do saber, incluindo a filosofia e a ética social (...)

A vida passa a ser uma rendição às circunstâncias condicionadas pela técnica, entendida como o recurso principal para interpretar a existência» (110).

«**Esquece-se que o valor inalienável do ser humano é independente do seu grau de desenvolvimento**» (136).

O ser humano está no centro dos seres vivos da Terra, mas não é o único a usufruir dela, nem é o senhor do mundo ou dos outros seres. O antropocentrismo cristão coloca o homem no centro, mas este centro não é o absoluto.

«**Muitas vezes foi transmitido um sonho prometeico de domínio sobre o mundo, que provocou a impressão de que o cuidado da natureza fosse atividade de fracos.**

Mas a interpretação correta do conceito de ser humano como senhor do universo é entendê-lo no sentido de administrador responsável» (116).

“O antropocentrismo cristão coloca o homem no centro, mas este centro não é o absoluto.

Antropologia cristã

Porém, «**não há ecologia sem uma adequada antropologia**» (118), para não trocar de protagonista, colocando um "biocentrismo" no lugar do antropocentrismo. O lugar do ser humano está sempre acima das outras criaturas, atribuindo-lhe por isso um valor superior que o estimula para um reconhecimento maior do seu semelhante. «**A abertura a um «tu» capaz de conhecer, amar e dialogar continua a ser a grande nobreza da pessoa humana**» (119).

Destas relações do ser humano com o ambiente e com o seu semelhante deriva a importância do trabalho, da ciência, do progresso. O maior protagonismo do ser humano sobre os outros seres criados também deriva da sua maior capacidade sobre eles, para os poder usar racionalmente e os aperfeiçoar através do trabalho.

«O trabalho deveria ser o âmbito deste multiforme desenvolvimento pessoal, onde estão em jogo muitas dimensões da vida: a criatividade, a projeção do futuro, o desenvolvimento das capacidades, a exercitação dos valores, a comunicação com os outros, uma atitude de adoração.

A realidade social do mundo atual exige que, acima dos limitados interesses das empresas e duma discutível racionalidade económica, "se continue a perseguir como prioritário o objetivo do acesso ao trabalho para todos" [*Caritas in Veritate*, 32]» (127).

LOUVADO SEJAS!

A LUZ QUE A FÉ OFERECE

Se tivermos presente a complexidade da crise ecológica e as suas múltiplas causas, deveremos reconhecer que as soluções não podem vir duma única maneira de interpretar e transformar a realidade. **É necessário recorrer também às diversas riquezas culturais dos povos, à arte e à poesia, à vida interior e à espiritualidade.**

Se quisermos, de verdade, construir uma ecologia que nos permita reparar tudo o que temos destruído, então nenhum ramo das ciências e nenhuma forma de sabedoria pode ser transcurada, nem sequer a sabedoria religiosa com a sua linguagem própria.

Além disso, a Igreja Católica está aberta ao diálogo com o pensamento filosófico, o que lhe permite produzir várias sínteses entre fé e razão. No que diz respeito às questões sociais, pode-se constatar isto mesmo no desenvolvimento da doutrina social da Igreja, chamada a enriquecer-se cada vez mais a partir dos novos desafios. **(nº 63)**

4. Ecologia integral não global

Talvez seja bom, por vezes, olhar a Terra de longe, como a contemplaram os astronautas, a partir do espaço, donde eles viram um resplandecente planeta azul e branco que se pode segurar na palma da mão. A partir desse horizonte, a Terra e os seres vivos aparecem numa única realidade. O ser humano não se pode isolar do universo que o rodeia. A sociedade é o resultado das relações que ele tem consigo mesmo e com o ambiente que o rodeia.

Existe uma «**particular relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Isto impede-nos de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos. As razões, pelas quais um lugar se contamina, exigem uma análise do funcionamento da sociedade, da sua economia, do seu comportamento, das suas maneiras de entender a realidade**» (139).

A cultura

A integridade dos seres vivos do Planeta estende-se a todo o património natural, incluindo o artístico, histórico e cultural. Porém, «**não se trata de destruir e criar novas cidades hipoteticamente mais ecológicas, onde nem sempre resulta desejável viver. É preciso integrar a história, a cultura e a arquitetura de um lugar, salvaguardando a sua identidade original**» (143).

Sem globalizar políticas, economias, processos uniformes de transformação ou modelos de sociedades iguais, é possível realizar uma adequada integração de todas as sociedades na sua diversidade.

«A visão consumista do ser humano, incentivada pelos mecanismos da economia globalizada atual, tende a homogeneizar as culturas e a debilitar a imensa variedade cultural, que é um tesouro da humanidade.

Por isso, pretender resolver todas as dificuldades através de normativas uniformes ou por intervenções técnicas, leva a negligenciar a complexidade das problemáticas locais, que requerem a participação ativa dos habitantes. (…)

É preciso assumir a perspetiva dos direitos dos povos e das culturas, dando assim provas de compreender que o desenvolvimento dum grupo social supõe um processo histórico, no âmbito dum contexto cultural, e requer constantemente o protagonismo dos atores sociais locais, a partir da sua própria cultura.

Nem mesmo a noção da qualidade de vida se pode impor, mas deve ser entendida dentro do mundo de símbolos e hábitos próprios de cada grupo humano» (144).

> "A integridade dos seres vivos do Planeta estende-se a todo o património natural, incluindo o artístico, histórico e cultural.

Cântico do Irmão Sol

Letra: Lopes Morgado / *Música:* frei Acílio Mendes

Refrão *(Maestoso)* (Paráfrase do Cântico das Criaturas, de São Francisco de Assis)

Ben - di - zei e lou - vai o meu Se - nhor! Dai-lhe
gra - ças, ser - vi - O com a - mor!

Estrofe *(Ágil e recolhido)*

1. Al - tís - si-mo e For-te, Be-lo e Bom Se-
(cresc. sempre)
nhor, a Ti to - da a bên - ção e hon - ra e lou-
vor. Só a Ti se lou - ve sem - pre em to - da a -
par - te, pois nin - guém é di - gno, se - quer, de no-
(Bem ritmado)
mear - te. Lou - va - do se - jas p'las cri - a -
tu - ras, prin - ci - pal - men - te o SOL nas al -
tu - ras: be - lo e ra - dian - te, es - plen - do -
ro - so, lem-bra-nos Cris-to vi - vo e glo - rio - so.

2. P'la nossa irmã **LUA** e pelas **ESTRELAS**
que brilham preciosas, tão claras e belas;
p'lo **AR** e as **NUVENS** e pelo irmão **VENTO**,
nós Te bendizemos, Senhor, nosso alento!
Louvado sejas pela irmã **ÁGUA**,
humilde e útil, preciosa e casta!
Pelo irmão **FOGO**, alegre e forte,
com que alumias a nossa noite!

3. P'la nossa irmã **TERRA**, nossa mãe também,
queremos louvar-Te, Senhor, sumo Bem,
pois de **ERVAS** e **FRUTOS** e **FLORES** diferentes
ela vai nutrindo rebanhos e gentes.
Louvado sejas p'los que **PERDOAM**
e as doenças em paz **SUPORTAM**.
Pelos que foram **INJUSTIÇADOS**
pois por Ti hão de ser coroados.

4. Também Te louvamos p'la nossa irmã Morte
por quem Tu recolhes o frágil e o forte.
Aqueles que cumprem a tua vontade
por ela recebem a felicidade.
Louvado sejas, bendito sejas,
p'los **POVOS** todos, pelas **IGREJAS**.
Que Te dê graças a **HUMANIDADE**
e que Te sirva com humildade.

A cidade

Neste projeto de integração de todos os elementos de ecologia têm muita importância os espaços comuns dos cidadãos especialmente nas zonas habitacionais.

«O crescimento desmedido e descontrolado de muitas cidades tornaram-se pouco saudáveis para viver, devido não só à poluição proveniente de emissões tóxicas mas também ao caos urbano, aos problemas de transporte e à poluição visual e acústica.

Muitas cidades são grandes estruturas que não funcionam, gastando energia e água em excesso. Há bairros que, embora construídos recentemente, apresentam-se congestionados e desordenados, sem espaços verdes suficientes. Não é conveniente para os habitantes deste planeta viver cada vez mais submersos de cimento, asfalto, vidro e metais, privados do contacto físico com a natureza» (44).

A qualidade de vida depende muito dos projetos arquitetónicos nos aglomerados urbanos: as ruas, os transportes, os edifícios e estruturas urbanas de utilidade pública.

«É importante que as diferentes partes duma cidade estejam bem integradas e que os habitantes possam ter uma visão de conjunto em vez de se encerrarem num bairro, renunciando a viver a cidade inteira como um espaço próprio partilhado com os outros. Toda a intervenção na paisagem urbana ou rural deveria considerar que os diferentes elementos do lugar formam um todo, sentido pelos habitantes como um contexto coerente com a sua riqueza de significados. Assim, os outros deixam de ser estranhos e podemos senti-los como parte de um «nós» que construímos juntos.

Pela mesma razão, tanto no meio urbano como no rural, convém preservar alguns espaços onde se evitem intervenções humanas que os alterem constantemente» (151).

O *Cuidado da Casa Comum* supõe o cuidado a ter com a herança que recebemos e conduz ao cuidado a ter com o bem comum que desejamos deixar às gerações futuras.

«Não estamos a falar duma atitude opcional, mas duma questão essencial de justiça, pois a terra que recebemos pertence também àqueles que hão de vir. Os Bispos de Portugal exortaram a assumir este dever de justiça: "O ambiente situa-se na lógica da receção. É um empréstimo que cada geração recebe e deve transmitir à geração seguinte". [*Responsabilidade solidária pelo bem comum***, 15 de setembro de 2003, 20]. Uma ecologia integral possui esta perspetiva ampla»** (159).

COMUNHÃO UNIVERSAL

Deixamos de notar que alguns se arrastam numa **miséria degradante**, sem possibilidades reais de melhoria, enquanto outros não sabem sequer que fazer ao que têm, ostentam vaidosamente uma suposta superioridade e deixam atrás de si um nível de **desperdício** tal que seria impossível generalizar sem destruir o planeta.

Na prática, continuamos a admitir que alguns se sintam mais humanos que outros, como se tivessem nascido com maiores direitos. (nº 90)

5. Diálogo e transparência

«Desde meados do século passado, e superando muitas dificuldades, foi-se consolidando a tendência de conceber o Planeta como pátria e a humanidade como povo que habita uma casa comum« (164).

A dependência uns dos outros e a dependência de todos do universo que nos rodeia leva-nos a tomar consciência de que o bem-estar nesta casa comum depende do empenho que todos pusermos na procura e na construção dos meios e condições para o conseguirmos.

Para isso **tem de existir um projeto comum de comunhão e diálogo em todas as direções a enfrentar os problemas**.

«Para enfrentar os problemas de fundo, que não se podem resolver com ações de países isolados, torna-se indispensável um consenso mundial que leve, por exemplo, a programar uma agricultura sustentável e diversificada, desenvolver formas de energia renováveis e pouco poluidoras, fomentar

> "Precisamos duma reação global mais responsável, que implique enfrentar, simultaneamente, a redução da poluição e o desenvolvimento dos países e regiões pobres.

LOUVADO SEJAS!

uma maior eficiência energética, promover uma gestão mais adequada dos recursos florestais e marinhos, garantir a todos o acesso à água potável» (164).

Diálogo eclesial

O diálogo para esta ***ecologia sustentável*** de que fala o papa deve existir entre todas as instituições civis, nacionais e internacionais, entre todos os organismos dedicados à ecologia e não só, entre todas as religiões.

Esta encíclica tem uma particularidade: conta com o testemunho de muitos documentos da Igreja universal no sentido em que nela são citadas com muita frequência documentos das Conferências Episcopais.

Falando das estratégias para diminuir a emissão de gases poluentes e o perigo de atribuir igual responsabilidade aos países pobres e ricos, o papa cita os Bispos da Bolívia:

«**os países que foram beneficiados por um alto grau de industrialização, à custa duma enorme emissão de gases com efeito de estufa, têm maior responsabilidade em contribuir para a solução dos problemas que causaram**» [*Carta Pastoral*, 2012, nº 86] (170).

Os problemas que dificultam a resolução do aquecimento global estão na mesma ordem dos que dificultam a diminuição da pobreza. São os países ricos que ditam as políticas a seguir e as verbas a atribuir.

«**A lógica que dificulta a tomada de decisões drásticas para inverter a tendência ao aquecimento global é a mesma que não permite cumprir o objetivo de erradicar a pobreza. Precisamos duma reação global mais responsável, que implique enfrentar, simultaneamente, a redução da poluição e o desenvolvimento dos países e regiões pobres**» (175).

Todos os assuntos relacionados com o ambiente devem ser transparentes e tratados em diálogo, para evitar riscos de desigualdades e de corrupção. «**A previsão do impacto ambiental dos empreendimentos e projetos requer processos políticos transparentes e sujeitos a diálogo, enquanto a corrupção, que esconde o verdadeiro impacto ambiental dum projeto em troca de favores, frequentemente leva a acordos ambíguos que fogem ao dever de informar e a um debate profundo**» (182).

Aos que têm o poder de decisão sobre qualquer empreendimento integral, o papa dirige algumas perguntas: «**Para que fim? Por que motivo? Onde? Quando? De que maneira? A quem ajuda? Quais são os riscos? A que preço? Quem paga as despesas e como o fará? Neste exame, há questões que devem ter prioridade**» (185).

Política e economia

O diálogo mais difícil de conseguir é entre a política e a economia. Nenhuma das duas pode sobrepor-se à outra. Nem a política deve impor nem o dinheiro deve condicionar.

«**A política não deve submeter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia. Pensando no bem comum, hoje precisamos imperiosamente que a política e a economia, em diálogo, se coloquem decididamente ao serviço da vida, especialmente da vida humana. (…)**

"Os países que foram beneficiados por um alto grau de industrialização, à custa duma enorme emissão de gases com efeito de estufa, têm maior responsabilidade em contribuir para a solução dos problemas que causaram" (nº170).

A produção não é sempre racional, e muitas vezes está ligada a variáveis económicas que atribuem aos produtos um valor que não corresponde ao seu valor real. Isto leva frequentemente a uma superprodução de algumas mercadorias, com um impacte ambiental desnecessário, que simultaneamente danifica muitas economias regionais. Habitualmente, a bolha financeira é também uma bolha produtiva» (189).

Existe uma interligação tão profunda e um poder tão forte de cada uma no contexto ambiental, que as duas tentam desculpar-se culpando-se uma à outra: «**A política e a economia tendem a culpar-se reciprocamente a respeito da pobreza e da degradação ambiental. Mas o que se espera é que reconheçam os seus próprios erros e encontrem formas de interação orientadas para o bem comum**» (198).

> "A política não deve submeter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia.

Neste sentido, o ambiente não se pode salvar com base apenas nos cálculos lucrativos. Infelizmente, muitas vezes é isso que acontece, ou seja:

«**dentro do esquema do ganho não há lugar para pensar nos ritmos da natureza, nos seus tempos de degradação e regeneração, e na complexidade dos ecossistemas que podem ser gravemente alterados pela intervenção humana**.

Além disso, quando se fala de biodiversidade, no máximo, pensa-se nela como um reservatório de recursos económicos que poderia ser explorado, mas não se considera seriamente o valor real das coisas, o seu significado para as pessoas e as culturas, os interesses e as necessidades dos pobres» (190).

6. Outro estilo de vida

O ser humano, por se considerar o rei da criação, não é o seu dono, mas apenas um inquilino, embora qualificado, da terra. Desde o rei até ao seu criado, todos dependem das disponibilidades daquilo que é essencial para todos e vem da terra, do ar, da água. Do uso racional destes elementos depende a sobrevivência do ser humano e sua qualidade de vida. Ultrapassar os seus limites supõe aproximar-se de um "ecocídio" da natureza e caminhar para o suicídio da humanidade.

Diante dos danos ecológicos provocados na Terra pelo ser humano, há apenas uma solução: mudar as ações e os comportamentos humanos, impor outro ritmo aos hábitos de consumo, mudar o estilo de vida. Tudo começa, também aqui, para nós cristãos, pela **"conversão ecológica"**.

«Quando as pessoas se tornam autorreferenciais e se isolam na própria consciência, aumentam a sua voracidade: quanto mais vazio está o coração da pessoa, tanto mais necessita de objetos para comprar, possuir e consumir.

Em tal contexto, parece não ser possível, para uma pessoa, aceitar que a realidade lhe assinale limites; neste horizonte, não existe sequer um verdadeiro bem comum. Se este é o tipo de sujeito que tende a predominar numa sociedade, as normas serão respeitadas apenas na medida em que não contradigam as necessidades próprias» (204).

Educação ambiental

A educação para a responsabilidade do ambiente é essencial. O papa fala da escola, da família, dos meios de comunicação social, da catequese. Fala também dos agentes nesta educação, com destaque para os políticos, as associações, as escolas, a Igreja e, nesta, as paróquias, os seminários e casas religiosas, por meio de **«uma austeridade responsável»** e o cuidado com os pobres.

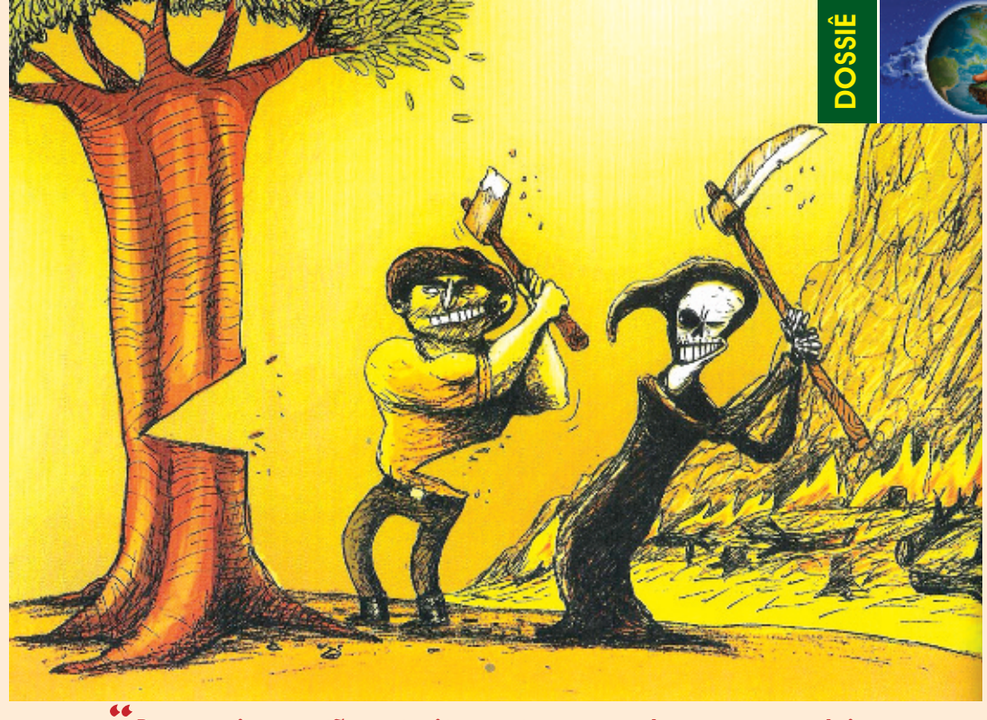
«Tendo em conta o muito que está em jogo, do mesmo modo que são necessárias instituições dotadas de poder para punir os danos ambientais, também nós precisamos de nos controlar e educar uns aos outros» (214).

O papa Francisco cita **Bento XVI** para dizer que **«os desertos exteriores se multiplicam no mundo, porque os desertos interiores se tornaram tão amplos»** (*Homilia de 24 abril de 2005*) e completa dizendo que **«a crise ecológica é um apelo a uma profunda conversão interior. Entretanto temos de reconhecer também que alguns cristãos, até comprometidos e piedosos, com o pretexto do realismo pragmático, frequentemente escarnecem das preocupações pelo meio ambiente. Outros são passivos, não se decidem a mudar os seus hábitos e tornam-se incoerentes. Falta-lhes, pois, uma conversão ecológica, que comporta deixar emergir, nas relações com o mundo que os rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus»** (217).

A responsabilidade é de toda a sociedade: **«O amor, cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, é também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor. O amor à sociedade e o compromisso pelo bem comum são uma forma eminente de caridade»** (231).

Os 7 Pecados Ecológicos

1. A Terra, depósito de lixo.
2. A privatização da água.
3. O poder conectado com as finanças.
4. A salvação dos bancos a todo o custo.
5. A cultura do descarte.
6. O desperdício de um terço dos alimentos produzidos.
7. A globalização da indiferença.



"Deus uniu-nos tão estreitamente ao mundo que nos rodeia, que a desertificação do solo é como uma doença para cada um, e podemos lamentar a extinção de uma espécie como se fosse uma mutilação.

Este amor entre as pessoas, que transborda em vários níveis para todos os outros seres, manifesta a relação entre o mundo criado e a Trindade. **«O PAI é a fonte última de tudo, fundamento amoroso e comunicativo de tudo o que existe. O FILHO, que o reflete e por quem tudo foi criado, uniu-se a esta terra, quando foi formado no seio de Maria. O ESPÍRITO, vínculo infinito de amor, está intimamente presente no coração do universo, animando e suscitando novos caminhos.**

O mundo foi criado pelas três Pessoas como um único princípio divino, mas cada uma delas realiza esta obra comum segundo a própria identidade pessoal» (238).

Algumas sínteses

- **«O consumismo obsessivo é o reflexo subjetivo do paradigma tecnoeconómico»** (203).
- **«Os grandes sábios do passado correriam o risco de ver sufocada a sua sabedoria no meio do ruído dispersivo da informação»** (47).
- **«Temos demasiados meios para escassos e raquíticos fins»** (203).
- **«É evidente a incoerência de quem luta contra o tráfico de animais em risco de extinção, mas fica completamente indiferente perante o tráfico de pessoas»** (91).
- **«Quando os hábitos da sociedade afetam os ganhos das empresas, estas veem-se pressionadas a mudar a produção»** (206).
- **«A educação ambiental deveria predispor-**

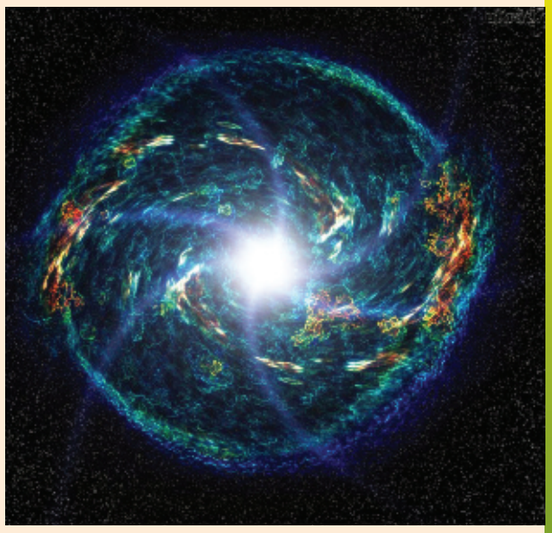
-nos para dar este salto para o Mistério, do qual uma ética ecológica recebe o seu sentido mais profundo» (210).

- **«Viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo de opcional nem um aspeto secundário da experiência cristã, mas parte essencial duma existência virtuosa»** (217).
- **«Recordemos o modelo de *São Francisco de Assis*, para propor uma sã relação com a criação como dimensão da conversão integral da pessoa»** (218).
- **«A *Eucaristia* une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação. O mundo, saído das mãos de Deus, volta a Ele em feliz e plena adoração: no Pão Eucarístico, «a criação propende para a divinização, para as santas núpcias, para a unificação com o próprio Criador** [*Bento XVI, 15 de junho de 2006*]» (236).
- **«Unimo-nos para tomar a nosso cargo esta casa que nos foi confiada»** (244).

AMOR CIVIL E POLÍTICO

É necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena ser bons e honestos. Vivemos já muito tempo na degradação moral, baldando-nos à ética, à bondade, à fé, à honestidade; **chegou o momento de reconhecer que esta alegre superficialidade de pouco nos serviu**.

Uma tal destruição de todo o fundamento da vida social acaba por colocar-nos uns contra os outros na defesa dos próprios interesses, provoca o despertar de novas formas de violência e crueldade e impede o desenvolvimento duma verdadeira cultura do cuidado do meio ambiente. **(nº 229)**



7. Para além do sol

Para além do sol: **«Encontrar-nos-emos face a face com a beleza infinita de Deus (ver 1 Cor 13,12) e poderemos ler, com jubilosa admiração, o mistério do universo, o qual terá parte connosco na plenitude sem fim»** (243).

Caminhamos **«para o Sábado da eternidade, para a nova Jerusalém, para a casa comum do Céu. Diz-nos Jesus: *"Eu renovo todas as coisas"* [Ap 21,5]»** (243).

Então, **«a vida eterna será uma maravilha compartilhada, onde cada criatura, esplendorosamente transformada, ocupará o seu lugar e terá algo para oferecer aos pobres definitivamente libertados»** (243).

Até lá, continuamos a caminhar e cantar: **«e que as nossas lutas e a nossa preocupação por este planeta não nos tirem a alegria da esperança»** (244).

E, em tudo **«saibamos assumir os compromissos para com a criação que o Evangelho de Jesus nos propõe»** (246).

Oração pela nossa TERRA

Deus Omnipotente,
que estás presente em todo o universo
e na mais pequenina das tuas criaturas,
Tu, que envolves com a tua ternura tudo o que existe,
derrama em nós a força do teu amor
para cuidarmos da vida e da beleza.
Inunda-nos de paz,
para vivermos como irmãos e irmãs
sem prejudicar ninguém.

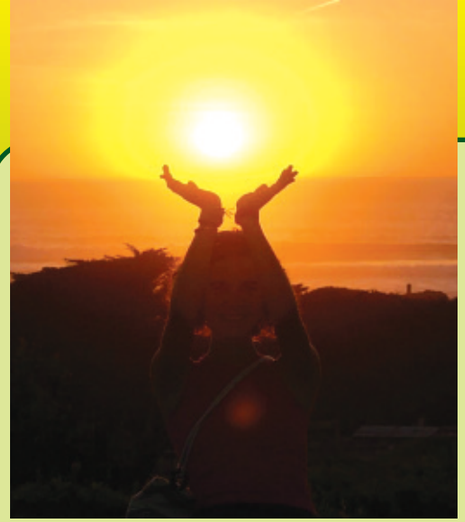
Ó Deus dos pobres,
ajuda-nos a resgatar
os abandonados e esquecidos desta terra
que valem tanto aos teus olhos.

Cura a nossa vida,
para protegermos o mundo e não o depredarmos,
para semearmos beleza e não poluição nem destruição.

Toca os corações
daqueles que buscam apenas benefícios
à custa dos pobres e da terra.

Ensina-nos a descobrir o valor de cada coisa,
a contemplar com encanto,
a reconhecer que estamos profundamente unidos
com todas as criaturas
no nosso caminho para a tua luz infinita.

Obrigado por estares connosco todos os dias.
Sustenta-nos, por favor,
na nossa luta
pela justiça, o amor e a paz.



Oração cristã com a criação

Nós Te louvamos, PAI,
com todas as tuas criaturas,
que saíram da tua mão poderosa.
São tuas e estão repletas
da tua presença e da tua ternura.
Louvado sejas!

FILHO de Deus, Jesus,
por Ti foram criadas todas as coisas.
Foste formado no seio materno de Maria,
tornando-Te parte desta terra,
e contemplaste este mundo
com olhos humanos.
Hoje estás vivo em cada criatura
com a tua glória de ressuscitado.
Louvado sejas!

ESPÍRITO SANTO, que, com a tua luz,
guias este mundo para o amor do Pai
e acompanhas o gemido da criação,
Tu vives também nos nossos corações
a fim de nos impelir para o bem.
Louvado sejas!

Senhor Deus, UNO E TRINO,
comunidade admirável de amor infinito,
ensina-nos a contemplar-Te
na beleza do universo,
onde tudo nos fala de Ti.

Desperta o nosso louvor
e a nossa gratidão
por cada ser que criaste.

Dá-nos a graça de nos sentirmos
intimamente unidos
a tudo o que existe.

Deus de Amor,
mostra-nos o nosso lugar neste mundo
como instrumentos do teu carinho
por todos os seres desta terra,
porque nem um deles sequer
é esquecido por Ti.

Ilumina os donos do poder e do dinheiro
para que não caiam no pecado
da indiferença,
amem o bem comum,
promovam os fracos
e cuidem deste mundo que habitamos.

Os pobres e a terra estão bradando:
Senhor, acolhe-nos
sob o teu poder e a tua luz,
para proteger cada vida,
para preparar um futuro melhor,
para que venha o teu Reino
de justiça, paz, amor e beleza.

Louvado sejas!

Ámen.

Consagrados na Igreja do Papa Francisco

Abrindo a alma, o Papa Francisco revelou algumas expetativas que tem a respeito das pessoas consagradas. A última consiste em vê-las indagar aquilo que Deus e a Humanidade esperam dela; o que lhes pede o Espírito nesta hora, para manterem viva e fecunda a herança recebida dos seus Fundadores. É sobre esta pergunta que deve trabalhar o seu "motor de busca".

Abílio Pina Ribeiro

Não vou nem sei dar-lhe resposta, mas de **duas coisas**, pelo menos, estou certo.

Primeira: Deus espera que sejamos autênticos, fiéis. *Não está o nosso ganho em sermos muitos, mas em sermos santos* – declarava **Teresa de Jesus**.

Segunda: o mundo espera que sejamos instrumentos humildes, eficazes, do amor de Deus, traduzindo-o em atitudes e ações recheadas de misericórdia e de ternura. Daí a necessidade urgente de apurarmos a nossa qualidade humana e espiritual.

Impressões e perigos

Fica por vezes a ***impressão*** de carregarmos um pesado fardo e de termos um défice de alegria. Corremos o ***perigo*** de nos deixarmos levar pela cultura da superficialidade, pelo impacte da cultura "light" que priva de radicalidade a nossa vida.

Precisamos de maior profundidade na relação com Deus, de modo que ela "toque" realmente a nossa existência. Urge imprimir novo vigor à partilha do Pão e da Palavra, e a outros dinamismos da nossa espiritualidade.

Na formação inicial e permanente, há que fortalecer ***a disciplina pessoal***. Não me refiro à sineta ou à campainha, mas a sabermos organizar a vida segundo os valores que abraçámos e as opções que fizemos. Jesus, que prometeu o *cem por um* a quem deixasse pais, irmãos, casa, terras por seu amor (Mc 10,29-30) merece que lhe demos o *cem por cento*, a medida cheia.

Interpelações

Nos últimos anos aconteceram **dois factos** que influenciaram a maneira como percebemos a missão. Um deles foi a ***renúncia de Bento XVI***. Mais que uma retirada por motivo de idade ou de saúde, foi uma afirmação arrojada, um sublinhado forte de que tudo na Igreja (cargos, ofícios, até o múnus do Sucessor de Pedro) não passa de puro serviço. Servir é a palavra de ordem.

O outro foi a ***novidade do Papa Francisco***. Como religioso, adotou um estilo simples, alegre, desprendido, comunitário, pondo a Igreja em

movimento acelerado, em saída, em êxodo, para o meio do povo. A voz de comando ressoa bem clara: "Abram-se, partam, arrisquem, aventurem-se por caminhos novos; vocês que deixaram as "redes", não se enredem em questões menores, caseiras, mas vivam e desvivam-se pelos irmãos ". «O mundo está em chamas – dizia *Teresa de Jesus* –, não é tempo de ocupar-se de assuntos de pouca importância.»

"O mundo espera que sejamos instrumentos humildes, eficazes, do amor de Deus, traduzindo-o em atitudes e ações recheadas de misericórdia e de ternura. Daí a necessidade urgente de apurarmos a nossa qualidade humana e espiritual.

"Abram-se, partam, arrisquem, aventurem-se por caminhos novos; vocês que deixaram as "redes", não se enredem em questões menores

Revisões

Há que rever a ***disponibilidade para a missão***, não só enquanto disposição a sermos enviados para outros lugares, outros serviços, mas sobretudo como atitude que nos leva a assumir o projeto do Instituto e o da Província como próprio.

E há que aceitar o ***desafio das periferias***, indo ao encontro dos descartados, dos deixados para trás, dos novos pagãos, dos que não vêm à Igreja.

Para a reflexão pessoal e comunitária

Ao fazermos o diagnóstico do nosso viver, convém distinguir dois conceitos: limitações e obstáculos.

- As nossas ***limitações*** são evidentes: escassez de vocações, quebra de energias, o mundo a afastar-se do Evangelho...
- Mas, pior do que isso, são os ***obstáculos*** que levantamos com as nossas atitudes: mediocridade e descompromisso, individualismo, insensibilidade perante o choro dos pobres (de pão ou de fé)...

> Como superar estes e outros obstáculos?
> Damos à nossa vida um rosto alegre, de modo que possamos cantar, sem desmentido, o Salmo 126,2-3:
«O Senhor tem sido grande para connosco e estamos felizes»?

A FAMÍLIA ainda educa na fé?

Pode parecer lugar-comum afirmar que a evangelização do futuro depende do lugar que se der à família no conjunto da missão e edificação da Igreja. Dois Sínodos seguidos, demonstram quanto a Igreja aposta na família, com os seus valores e possibilidades, em ordem à evangelização e à sua própria renovação. Neste artigo, vou cingir-me ao papel da família na educação da fé.

frei Vítor Arantes

A família no contexto da evangelização. Evangelizar é responsabilidade de todo o povo de Deus; mas, «sem o testemunho alegre dos cônjuges e das famílias, o anúncio corre o risco de não ser compreendido ou de se afogar no mar de palavras, que caracteriza a nossa sociedade» (*NMI*, 50).

Desde o Vaticano II, importa reconhecer que as coisas na catequese mudaram imenso, mas nem sempre para melhor. Todavia, parece hoje mais presente do que nunca a consciência do lugar da família na evangelização dos filhos. Nas «Jornadas de verão» do Secretariado do Porto 2015 estão previstos dois *Workshops*: um sobre Catequese familiar e outro sobre «como criar um projeto intergeracional». Que há inquietação em tentar algo de novo na linha de responsabilizar na Catequese, é um facto.

A família, no coração da missão evangelizadora. Terá ainda sentido a educação da fé pela família? Responde o **Sínodo 2014** que «um dos desafios fundamentais, que hoje se põe às famílias, é o da educação» (*Relatio Synodi* 60).

Já **Paulo VI** lembrara que a família «deve ser um espaço, onde o Evangelho é transmitido e donde este irradia» (*EN* 71) e «escola de valorização humana» (*EN* 52).

Boa parte dos documentos mais recentes do Magistério acerca da catequese acentua a fecundidade espiritual da família na ordem da fé, pelo que se torna participante da «maternidade da Igreja-Mãe». Deduz-se daí que compete à família cristã uma função «sacerdotal», que existia já nas famílias do Antigo Testamento. Através do «amor conjugal e familiar, participa da missão profética, sacerdotal e real de Jesus Cristo e da sua Igreja» (*FC* 50).

Para o *Diretório Geral da Catequese*, a «graça e a responsabilidade da educação cristã dos filhos pertence aos pais, através do testemunho dos valores humanos e religiosos» (nº 227).

O nosso episcopado reforça tal missão, afirmando que a família ***constitui «o único ambiente, onde as crianças e os jovens podem receber uma autêntica catequese»*** (Conferência Episcopal Portuguesa. *Carta Pastoral* 7).

Será assim, na realidade?

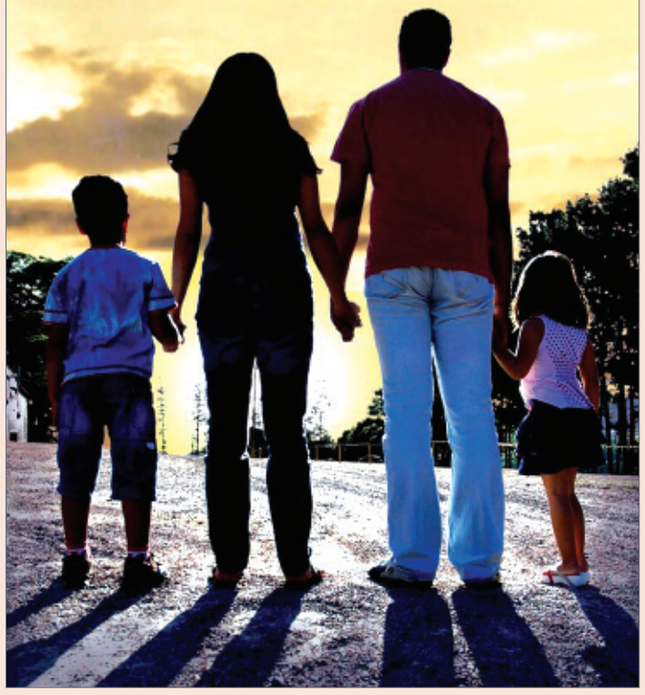
Interrogações em torno da missão educativa da família. A firmeza, com que a Igreja responsabiliza os pais na educação da fé, encontra hoje alguma oposição em certos setores da Catequese.

Refira-se, em primeiro lugar, a opinião de alguns pastoralistas e pais cristãos, que, a pretexto da autonomia e da liberdade de acreditar, defendem que pertence às crianças e adolescentes decidirem sobre sua educação religiosa.

Em segundo lugar, outros especialistas na linha da catequese consideram a catequese da infância pura perda de tempo. Para eles, e com razão neste ponto, deve dar-se prioridade à catequese dos adultos, porque dispõem de capacidade crítica para opção de fé adulta. Às crianças deve proporcionar-se, nas famílias mais conscientes, a catequese testemunhal, quer da família, quer da comunidade crente.

Finalmente, existe ainda outro grupo de especialistas, segundo os quais, a catequese da infância é convite a não acreditar, não só porque infantiliza a fé, mas também porque não respeita a autonomia das crianças e dos jovens. Como confirmação, dizem que Jesus nunca pregou a crianças (ver *Les fondamentaux de la Catéchèse*, p. 217-233)

“A comunidade cristã oferece às crianças e jovens aqueles espaços comunitários de celebração, festa e testemunho que a família, por si só, não pode garantir.



Que missão educativa da fé, para a família? Tais críticas à catequese da infância e da adolescência vão em contramão da doutrina e prática constante da Igreja, especialmente desde o Vaticano II.

Algumas dessas opiniões críticas podem relacionar-se com a prática da maioria das comunidades cristãs, que investem quase tudo na catequese infantil e pouco ou nada na evangelização dos adultos, com os resultados que se conhecem.

Em matéria tão candente para a evangelização, na maioria dos casos, a família não é tida nem achada. E não estará aí um das causas do abandono prematuro da prática religiosa, por parte de adolescentes e jovens? Ora, nenhuma instituição, como a família, pode proporcionar «espaço propício e fundamental para viver, testemunhar, anunciar e partilhar as experiências da fé».

Nestas idades é determinante o testemunho claro da fé, tanto da comunidade familiar como de toda a comunidade cristã.

“Nestas idades é determinante o testemunho claro da fé, tanto da comunidade familiar como de toda a comunidade cristã.

Renovar a família, condição para renovar a catequese. Atualmente a Igreja está mais empenhada que nunca em promover a missão educativa da família. Sem ela, crianças e adolescentes ficariam entregues à ***«educação de rua»*** e privados dum meio indispensável para saciar a fome de valores, tanto humanos como religiosos.

Ninguém, como os pais, deseja o melhor para os filhos. Na qualidade de primeiros educadores, possuem o tato natural e inato para bem os orientar, não só porque vivem em contínuo contacto com eles, mas ainda porque os conhecem melhor do que ninguém.

Reconheça-se e louve-se o esforço que, nos últimos anos, as comunidades cristãs realizaram para implicar mais os pais na caminhada de fé dos filhos. São dignas de encómio numerosas experiências, como a **catequese intergeracional,** em que pais e filhos são convidados a percorrer, lado a lado, um mesmo itinerário catequético.

Louve-se ainda a preocupação de muitas comunidades em capacitar os pais para a evangelização familiar, fornecendo-lhes as ferramentas indispensáveis para a missão de educadores. Não é tudo, mas, como se sabe, o ótimo é inimigo do bom.

Um sinal de esperança. Perante tantos desafios colocados à missão educadora da família, algumas ideias podemos reter.

Primeiramente, que é direito dos pais «escolher livremente o tipo de educação para os filhos, de acordo com suas convicções» (*Intrumentum Laboris* Sínodo 2015, 142).

Em segundo lugar, família não pode delegar na comunidade e catequistas o exclusivo da educação da fé. Há uma responsabilidade, que é exclusivamente sua.

Por fim, que é de recusar, igualmente, a tentação de deixar o exclusivo dessa tarefa aos pais, não só porque a maioria se sente impreparada, mas porque, tanto eles como os filhos, precisam do testemunho da comunidade cristã. A presença da comunidade alivia a pressão religiosa dos pais sobre os filhos, se o ónus cair exclusivamente sobre a família. Por outro lado, a comunidade cristã oferece às crianças e jovens aqueles espaços comunitários de celebração, festa e testemunho que a família, por si só, não pode garantir. Assim, poderão levar a bom termo a ingente tarefa da formação na fé das crianças e dos jovens.

A escatologia de 1 Ts 5,1-11

Como estamos a chegar ao fim de mais um ano litúrgico, a Igreja coloca diante de nós certas leituras bíblicas que nos falam do fim dos tempos. A este propósito, é típico um texto de Paulo, da 1ª Carta aos Tessalonicenses (4,13 a 5,11), que analisamos aqui.

Herculano Alves

Paulo utilizava três maneiras de ensinar as suas comunidades: pessoalmente, pelos seus enviados e por cartas. Nestas últimas, o Apóstolo respondia a problemas concretos que os cristãos lhe colocavam, direta ou indiretamente; foram os únicos documentos da sua doutrina que chegaram até aos nossos dias.

É, portanto, sobre uma destas cartas que vou debruçar-me para esclarecer um dos pontos da doutrina cristã, acerca do qual muitos leitores da ***Bíblica*** fazem perguntas.

Também a Paulo fizeram uma pergunta interessante, que podemos formular, mais ou menos, assim: **"Paulo, como Jesus vai vir brevemente para nos levar com Ele para o céu, os cristãos batizados que já morreram também vão? E, se vão para o céu, vão antes de nós ou depois de nós?"**

Estamos a contas com a doutrina da escatologia, isto é, com os factos ou últimos acontecimentos da vida humana.

Escatologia é uma palavra grega, que significa ***último***. É costume definir os últimos acontecimentos com as três palavras do catecismo: Céu, Inferno, Purgatório.

1. A comunidade cristã, comunidade escatológica

O cristianismo nasceu numa época em que se esperava o fim do mundo, isto é, uma mudança radical das instituições humanas.

Havia um ar carregado de pessimismo e, por isso, as pessoas ansiavam um qualquer messias que viesse resolver a crise. Era um período messiânico; e, nesse contexto, nas comunidades pensava-se que Cristo iria vir sobre as nuvens do céu para trazer a solução definitiva.

Paulo responde à questão. Embora não seja um problema de doutrina, mas de pastoral, ele acha que deve dar uma resposta ao assunto, para consolar os cristãos que vivem aflitos e não sabem como resolvê-lo. E conclui: «*Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras*» (4,18).

Certamente não tivera tempo de falar do assunto aquando da fundação da comunidade de Tessalónica. Agora dá a resposta por escrito. Ele bem sabia que os cristãos já falecidos iam para o Senhor, mesmo sem essa manifestação gloriosa de Jesus.

Todo o problema residia na **escatologia *já realizada*** ou ainda a realizar. Isto é: com a ressurreição e subida ao céu, já se *realizou a escatologia*; Jesus já realizou tudo o que tinha a realizar no mundo e já nos levou para o céu, garantindo-nos um lugar junto de Deus, para sempre.

Outra doutrina defendia que Jesus havia de vir, no fim dos tempos, para julgar os vivos e os mortos. Era a **escatologia *ainda não realizada***, ou o atraso da Parusia, que aparece nalguns escritos do Novo Testamento. ***Parusia*** é outro termo grego que significa "vinda" ou "chegada"; e, quando falamos dela, normalmente referimo-nos a esta última vinda do Senhor.

Para os cristãos contemporâneos de Paulo, o problema estava no tempo mais ou menos longo que mediava entre a ressurreição de Jesus e a sua última vinda para nos levar com Ele. Alguns ansiavam tanto a vinda do Senhor, que até deixavam de trabalhar, como é dito na 2ª Carta à mesma comunidade de Tessalónica. De tal modo pensavam que Jesus vinha muito em breve, que o atraso desta vinda ou *Parusia* esperada chegou a causar crises de fé: Afinal, o Senhor vem ou não vem? (ver 2 Ts 2,1-12; 2 Pe 3,3-16). Paulo responde:

> **"Afinal, o Senhor vem ou não vem?**

«*Irmãos, não queremos deixar-vos na ignorância a respeito dos que faleceram, para não andardes tristes como os outros, que não têm esperança. De facto, se acreditamos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus reunirá com Jesus os que em Jesus adormeceram.*

Eis o que vos dizemos, baseando-nos numa palavra do Senhor: nós, os vivos, os que ficarmos para a vinda do Senhor, não precederemos os que faleceram; pois o próprio Senhor, à ordem dada, à voz do arcanjo e ao som da trombeta de Deus, descerá do Céu, e os mortos em Cristo ressurgirão primeiro. Em seguida nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles sobre as nuvens, para irmos ao encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor.

Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras» (1 Ts 4,13-18).

No fundo, aquilo em que S. Paulo quer insistir é na ressurreição de Jesus e na nossa. Por isso, os que já faleceram também partilham da ressurreição gloriosa, tal como os que ainda estão vivos. Isto é, antes da manifestação gloriosa de Cristo, os que já "adormeceram" ressuscitarão para participar nessa festa triunfal; e, todos juntos, estarão com Cristo eternamente, não havendo uma separação, um corte definitivo entre uns e outros. O v.14 afirma, como numa confissão de fé: «*se acreditamos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus reunirá com Jesus os que em Jesus adormeceram.*»

Portanto, a *Parusia* dos justos é consequência da resurreição de Jesus, que nos ressuscita e nos leva consigo pa-

ra o Pai. Mas Paulo insiste em que é necessário estar *em Jesus*, *em Cristo*, para viver com Ele eternamente.

Esta subida com Cristo é vista por Paulo como uma libertação deste mundo, um novo êxodo, comparado à "subida" do Egito para a Terra Prometida. Nesse caso, a vida do tempo da *Parusia* é a continuidade da vida da terra, vivida *em Cristo*. E a Igreja da terra continua reunida na etapa escatológica.

Na sua argumentação, Paulo apela a *«uma palavra do Senhor»*, que desconhecemos, para confirmar a sua teologia:

a) os vivos não serão privilegiados em relação aos mortos, mas serão arrebatados, depois daqueles;
b) o encontro dos vivos e dos mortos com o Senhor será na ressurreição.

2. 1 Ts 5,1-11 um texto apocalíptico

Paulo falava num contexto apocalítico que vinha do judaísmo, segundo o qual, os vivos tinham precedência sobre os mortos.

Um **texto apocalítico** é um género literário de grandes manifestações de Deus ou de Cristo para revelar grandes verdades: pretendia trazer do céu, da parte de Deus, uma solução para as crises da terra. A manifestação gloriosa a que Paulo se refere encontra-se dentro deste contexto apocalítico. Por isso, Paulo fala da *voz do Arcanjo* e do *som da trombeta*, instrumentos de convocação para essa manifestação de Deus ou de Cristo, conforme os casos.

Em 1 Cor 15,51-52 há um texto paralelo, embora com uma finalidade pastoral diferente: transformar a vida carnal em corpos de imortalidade.

O que Paulo diz aos cristãos de Tessalónica é o que confessa também aos de Filipos: *«Para nós, a cidade a que pertencemos está nos céus, de onde certamente esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo. Ele transfigurará o nosso pobre corpo, conformando-o ao seu corpo glorioso, com aquela energia que o torna capaz de a si mesmo sujeitar todas as coisas»* (Fl 3,20-21).

Paulo afirma, substancialmente, duas coisas:

a) o Salvador virá do céu;
b) e transformará o nosso pobre corpo à imagem do seu corpo glorioso, como diz também em 1 Cor 15.

Portanto, Cristo ressuscitado não é apenas o primeiro, "as primícias" dos ressuscitados, mas sobretudo a causa da transformação do nosso corpo mortal e corruptível, num corpo glorioso, à imagem do seu.

O Apóstolo pintou um quadro apocalítico, para convencer mais profundamente os seus cristãos, ao utilizar imagens do Antigo Testamento e da literatura apocalítica judaica. São textos que também têm paralelos nos Evangelhos. Isto para dizer que *«o Dia do Senhor chega de noite como um ladrão»* e, portanto, o cristão deve estar vigilante.

Esta expressão era muito usada no mesmo sentido pelos profetas. Normalmente, encontra-se em contexto apocalítico: grandes visões de guerras, julgamentos, transformações cósmicas, etc. (ver Sb 5,17-23).

Neste texto, consideram-se elementos apocalíticos os seguintes:

1. O ***sinal dado*** indica o fim da História humana para entrar na etapa da vida com Deus.

2. A ***voz do arcanjo***, ou mensageiro celeste, convoca o exército do céu para acompanhar o Rei do universo.

3. O ***toque da trombeta***, como instrumento de convocação da assembleia da humanidade, seja de caráter litúrgico, seja de caráter bélico. O som da trombeta chega até aos túmulos dos mortos, para eles saírem ao encontro do Senhor.

4. O ***encontro com o Senhor nos ares***; isto é, os que têm fé em Cristo ficam a pertencer ao mundo de Deus, num novo modo de existir; o mesmo se diga do ***arrebatamento nas nuvens*** (4,16-17).

5. ***… e assim estaremos sempre com o Senhor***, porque o mundo de Deus não está sujeito aos limites do espaço e do tempo, caraterísticas deste mundo terreno dos humanos, de cá de baixo.

6. A ***vinda do Senhor como um ladrão*** (5,2; ver Lc 12,39) é um modo de dizer que não sabemos quando será. A expressão subentende a imagem da vinda do general ou do rei ao acampamento dos soldados em tempo de guerra, no chamado *Dia do Senhor*. Ele chega de noite para ninguém suspeitar, e assim verificar pessoalmente se as sentinelas estão no seu posto e todos estão defendidos dos inimigos que os podem atacar. Esta imagem pretende dizer que a nossa vida sobre a terra é um combate e é preciso estarmos todos vigilantes e preparados para o melhor e para o pior: *«**Não durmamos, pois, como os outros, mas vigiemos e sejamos sóbrios***» (5,6).

Trata-se de um conjunto de sinais que indicam a presença de Deus convocando a humanidade para o julgamento. O género apocalítico é isso mesmo: se Deus intervém no mundo, a sua ação nunca é igual à dos seres humanos. Por isso, decorre no céu, acima das nuvens, e está ligada ao chamado *Dia do Senhor*, uma expressão relativamente corrente no Antigo Testamento.

> **"Para os cristãos contemporâneos de Paulo, o problema estava no tempo mais ou menos longo que mediava entre a ressurreição de Jesus e a sua última vinda para nos levar com Ele.**

Paulo não pretende fazer um tratado de escatologia, nem aprofundar o problema da transformação da pessoa pela ressurreição, mas apenas insistir nos laços de amizade entre cristãos vivos e falecidos, neste mundo e no outro. Esta doutrina pretende animar a esperança dos vivos, que se encontram no *já* da ressurreição e no *ainda não* da escatologia final. A última etapa da nossa vida é a seguinte: *«Quando Cristo, a vossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com Ele em glória»* (Cl 3,4).

3. CONCLUSÃO

A conclusão a que Paulo quer chegar é de caráter moral, comportamental. O cristão deve levar uma vida sem mancha:

*«Que o Deus da paz vos santifique totalmente, e todo o vosso ser – **espírito, alma e corpo** – se conserve irrepreensível para a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo»* (5,23).

Paulo divide, aqui, o ser humano em três partes diferentes: ***espírito*** (pneuma), ***alma*** (psichê) e ***corpo*** (sôma). Pretende, assim, não deixar nada de fora da santidade que os cristãos devem viver. Por isso, é a totalidade do ser humano que deve estar em tensão permanente de santidade, como preparação para a vinda do Senhor.

Trata-se, pois, de estarmos vigilantes e sermos perseverantes na fé. A ***alma*** (psichê), a consciência deve ser penetrada pelo ***espírito*** (pneuma) de Jesus Cristo, de modo que, tanto o ***corpo*** exterior (*sôma*) como o interior da pessoa estejam em sintonia com Cristo ressuscitado.

b

O SEGREDO DE TERESA DE JESUS

César Pedrosa Pereira Pinto

Menino Jesus de Praga.

– Olá, como te chamas?
– Sou a Teresa de Jesus. E tu?
– Sou o Jesus de Teresa.

Teresa abriu e fechou os olhos com força; no fim, ficou-lhe a lembrança de uma beleza arrebatadora para o resto da vida.

Jovem culta, de alegria contagiante, muito sensível e de uma grande beleza, personalidade muito forte, expressiva, apaixonada, hábil e boa cozinheira – «***procurava encontrar Deus por entre as panelas!***» – Teresa já tinha passado das boas: aos 7 anos tentou fugir, com o seu irmão Rodrigo, para um país de infiéis e ser mártir por Cristo (é apanhada às portas da cidade, por um tio e trazida de volta); aos 14 fica órfã de mãe e escolhe a Virgem Maria para sua mãe; aos 16 entra no convento e a febre malária arruína-lhe a saúde – os médicos dizem-lhe *adeus*, pondo em causa os votos no Carmelo, mas equilibra-se e professa.

Mas agora, aos 48 anos, as dificuldades da reforma na busca do carisma original não lhe dão tréguas: dentro, as Irmãs; lá fora, todos – religiosas/os, igrejas locais, fidalgos – lhe trocam as voltas, deixando-a em grande sofrimento.

Nos seus escritos, Teresa evoca constantemente as *noites escuras* da alma e as consolações do seu Amado; mas essas *noites escuras* eram agora muitas e as consolações espirituais bem poucas. A frivolidade e a perseguição das Irmãs, no mosteiro da Encarnação de Ávila (eram 150), estavam a levá-la quase à exaustão. Os ventos da reforma por si implementada – de pobreza, silêncio, oração, simplicidade, recolhimento – não faziam mover o fogo das velas.

Era um tempo em que o seu conselheiro espiritual chamava de dúvidas atrozes, exceto o seu amor a Cristo. Nem o nome – ***Teresa de Cepeda,*** do pai, ***Teresa Ahumada***, da mãe, ***Teresa de Ávila***, da sua terra – estava seguro.

No meio de todo este desconsolo, no seu convento da Encarnação, em Ávila, na escadaria principal, «**sobe Teresa e desce o Menino Jesus adolescente, de beleza extraordinária**», que a deixa perturbada, ruborizada: «**Quem és tu e como te chamas…?**»

Os historiadores notam duas coisas em Teresa, a partir desta visão: que a santa declara ter sido esta ***a visão mais consoladora*** entre todas, sem especificar os seus contornos; e que, desde então, assinou sempre ***Teresa de Jesus***!

Rejuvenescida no seu entusiasmo, aí vai ela pelos caminhos de Castela e Andaluzia fundando e reformando conventos do Carmelo, inspirada pela Encarnação do Menino de Belém. Se as *noites escuras* não a deixavam, também ela nunca mais deixou de levar aquele rolo de roupa onde escondia e afagava o seu grande amor: a imagem do Menino Jesus.

Porque **D. Manuel Felício**, nosso Bispo da Guarda, convidou os seus Padres a irem com ele nos dias 20 e 21 de maio a Casa de Teresa, em Ávila e a Alba del Tormes, quero agradecer-lhe ter colocado ao menos os pés nas «***huellas de Teresa de Jesús***», neste Ano da Vida Consagrada.

Animado pela Bíblia

Um Encontro Nacional alargado

Desde 1980 era realizado pelos grupos bíblicos, num fim de semana, para festejar e celebrar a Palavra segundo o tema do "Ano Bíblico"; com "a crise", ficou reduzido apenas a um domingo. Este ano, pela primeira vez, foi alargado a toda a Família "carismática" Capuchinha.

Lopes Morgado / Texto e imagem

A proposta, feita a 19 de abril pelo ministro provincial dos Capuchinhos, era justificada com o apelo do Papa neste Ano dedicado à Vida Consagrada, aos cristãos leigos que formam uma "família carismática" à volta de cada família religiosa e «se sentem chamados, na sua condição laical, a participar da mesma realidade carismática».

Neste caso, tratava-se de reunir não apenas os grupos bíblicos, nascidos de cursos realizados pelo Movimento de Dinamização Bíblica, mas todos os que celebram a sua fé em comunidades confiadas ao cuidado pastoral dos Capuchinhos; e a estes, juntar também os familiares, amigos, antigos alunos e benfeitores da nossa Ordem em Portugal.

Com um objetivo específico: «celebrar connosco os 60 anos da ***Difusora Bíblica*** e da revista ***Bíblica***, bem como os 50 anos da edição da primeira ***Bíblia*** pela Difusora Bíblica»; «não só para agradecer a Deus toda a obra de dinamização bíblica iniciada pelo frei Inácio de Vegas até aos dias de hoje, mas também de procurar os novos caminhos e assumir os necessários compromissos para que as pessoas de hoje e amanhã possam continuar a ter *a Bíblia na mão e o Deus da Bíblia no coração*».

Decoração do palco, alusiva aos aniversários da Difusora Bíblica e da revista Bíblica.

Neste Encontro, com os Grupos Bíblicos estiveram também os que se sentem próximos do "carisma" dos Franciscanos Capuchinhos.

Não se pode dizer que o alargamento dos destinatários se notasse no aumento de participantes. E, desta vez, o Encontro ainda foi protagonizado sobretudo pelos grupos bíblicos.

Das 10:15 às 12:30 e das 14:30 às 16.30, com intervalo para o almoço, no grande salão do Centro Paulo VI foi acontecendo: **Entronização da Bíblia**, pelo JOBIFRAN, seguindo-se a **Apresentação** dos Secretariados e grupos bíblicos, dos grupos novos e dos grupos que faziam 25 anos; e saudação do frei Manuel Arantes, secretário nacional deste Movimento. Pela **Festa da Palavra**, desfilaram: PPT *com as atividades bíblicas de 2014-2015*, Secretariado Nacional; *José do Egito*, Lijó; *A Mulher, Raiz de Vida*, Samora Correia; *Deus no seio da família*, Kumbaya/Abade de Neiva; *Família, Evangelho da Alegria*, Famalicão da Nazaré; PPT sobre os *60 anos da DB e 50 da Bíblia dos Capuchinhos*, frei Lopes Morgado; *Marta e Maria*, Baixa da Banheira; *Como nasceu o JOBIFERAN*, JOBIFRAN; *A Família de Rute*, Fazendas de Almeirim; *Altíssimo* (Cântico), Franciscanos Capuchinhos; *O que Deus uniu* Portela/ /Tentúgal; PPT *Família Cristã*, por frei Manuel Rito.

A Eucaristia foi animada pelo Grupo Coral "Shalom", da Comunidade de Santo António, em Barcelos, ao cuidado dos Capuchinhos, e presidida pelo sacerdote capuchinho mais novo, **frei Miguel Pinto Grilo**, natural de Freixedas (Guarda), ordenado em Pínzio, pelo bispo diocesano D. Manuel Felício, a 10 de junho.

Notícias

Seleção de
João Santos Costa

ISRAEL **Encontrado um "enorme" templo de rituais**

Pesquisadores e arqueólogos israelitas fizeram descobertas históricas de objetos de rituais religiosos da época do rei David.

De acordo com as informações da Autoridade de Antiguidades de Israel, as ruínas encontradas em Tel Motza, região próxima de Jerusalém, faziam parte de um "enorme" templo de rituais. As descobertas não estão diretamente associadas ao rei David, embora sejam contemporâneas.

Para os arqueólogos, o achado histórico é raro: «A construção ritual em Tel Motza é invulgar e surpreendente, pois foi encontrada devido ao facto de quase não haver restos de construções rituais do período na Judeia na época do Primeiro Templo», disseram **Anna Eirikh**, **Hamoudi Khalaily** e **Suá Kisilevitz** ao *Times* de Israel.

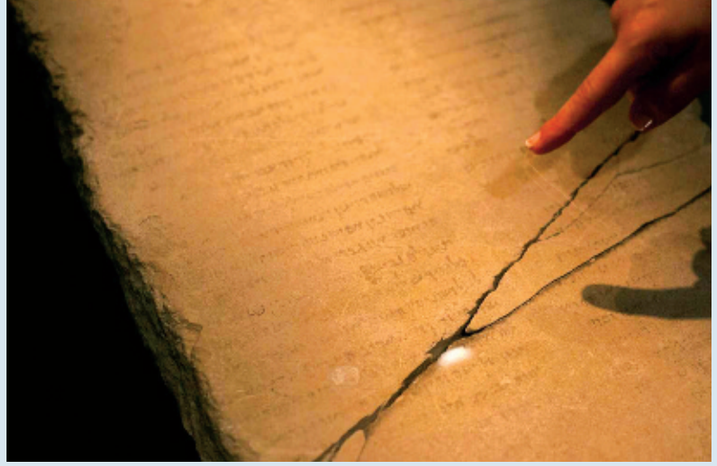
Entre as descobertas, estão fundações e objetos de cerâmica, datadas aproximadamente de há 2750 anos atrás. A raridade da descoberta foi enaltecida pelo jornal *Jerusalém Post*, pois durante o «tempo dos profetas Ezequias e Isaías, o judaísmo aboliu muitos locais de rituais pagãos».

Até agora, os arqueólogos encontraram o que supostamente seriam a entrada do templo e um altar, e as pesquisas continuam, para se chegar ao maior número de informações possíveis.

O Museu de Israel, localizado em Jerusalém, colocou em Exposição o objeto que é considerado o mais importante achado arqueológico na região desde a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, nas décadas de 1940 e 1950. É a pedra que está sendo exibida pelo Museu, chamada "Pedra da Revelação do Anjo Gabriel", traz uma inscrição do século I a.C, na qual o narrador se identifica como o anjo Gabriel. A peça, que foi descoberta em 2007 na região do Mar Morto, é o objeto central da Exposição "Eu sou Gabriel" e abordará a figura desse anjo nos primeiros anos do judaísmo rabínico, do cristianismo e do islamismo.

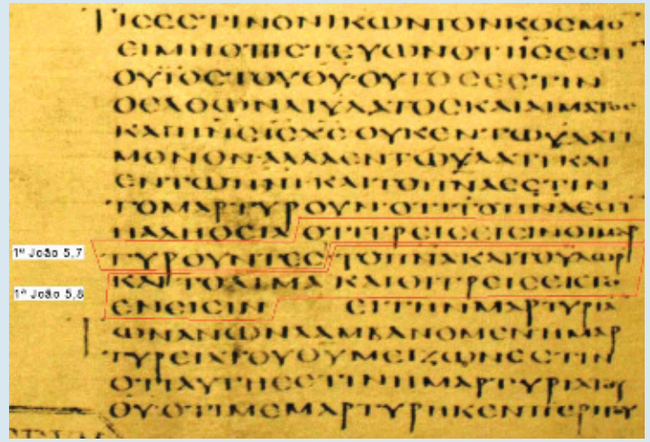
A Exposição organizada pelo Museu exibe também outros manuscritos raros, como cópias antigas da Bíblia e fragmentos dos Manuscritos do Mar Morto e do **Codex de Damasco** do século XIII.

O texto contido na peça, escrito em tinta sobre pedra, apresenta 87 linhas em hebraico escritas na primeira pessoa, onde o narrador se identifica como o Anjo Gabriel. Aparentemente, trata-se de uma conversa do anjo com um profeta, segundo os pesquisadores, para os quais a pedra procederia da margem leste do Mar Morto, na Jordânia.



Escavações em Tel Motza, próximo de Jerusalém, onde foram encontrados objetos de há 2750 anos atrás, que faziam parte de um enorme templo de rituais.

Acima, a "Pedra da Revelação do Anjo Gabriel", com uma inscrição século I a.C., descoberta em 2007 na região do Mar Morto. É considerada o achado arqueológico mais importante da região, desde a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto nas décadas de 1940 e 1950.



Codex de Damasco, do séc. XIII, um dos fragmentos expostos no Museu de Israel, em Jerusalém, com a "Pedra da Revelação do Anjo Gabriel."

VATICANO **Os cristãos do Oriente Médio**

O Santo Padre escreveu uma carta para os cristãos do Oriente Médio, encorajando-os perante o agravamento dos conflitos.

Os cristãos na Terra Santa têm dificuldade em praticar a sua identidade cristã, mas a Igreja tenta ajudar principalmente os jovens, dando trabalho, dando lugar para estudar, dando um pouco de esperança para o futuro.

As pessoas não têm muito que fazer além de irem à igreja e encontrarem-se com o pároco e falarem. Existem problemas, como por exemplo a falta de emprego e por isso as pessoas não têm dinheiro…

Os testemunhos confirmam as palavras do Santo Padre na sua carta enviada aos cristãos do Médio Oriente… «Aflição e tribulação não faltaram», acentuou Francisco. Constantes conflitos e o aparecimento de novos grupos terroristas fizeram com que o mundo voltasse ainda mais o olhar para a região no ano que passou.

Hoje o mundo árabe conta com aproximadamente 12 milhões de cristãos, herdeiros de um precioso património cultural, artístico e teológico. Foi no Oriente que surgiu e se expandiu o cristianismo, uma presença que contribuiu para o desenvolvimento, a cultura

e a fé de milhares e milhares de pessoas ao longo dos séculos. O Oriente é a terra dos Santos Padres da Igreja, aqui nasceu a vida monástica; diante de tamanha riqueza, a Igreja manifesta a sua preocupação com a migração cada vez mais crescente.

Uma presença que pode estar ameaçada face a uma realidade de perseguição e martírio. No decorrer do ano de 2014, inúmeras foram as campanhas de apoio áqueles que foram perseguidos e forçados a deixar a sua terra.

Uma delas foi a campanha chamada **"Sou Nazareno"**, que ganhou força nas redes sociais. Uma campanha nascida a partir do massacre que ainda acontece no Iraque, e vem sendo noticiada nos meios de comunicação social. Porém, o Santo Padre faz um chamamento ainda mais concreto e também desafiador aos filhos do Médio Oriente:

«Nestes momentos difíceis é mais necessária do que nunca a unidade desejada por Nosso Senhor. É um dom de Deus que interpela a nossa liberdade e aguarda pela nossa resposta.»

JERUSALÉM **800 anos da Custódia**

De 21 a 23 de abril, no âmbito do Ano da Vida Consagrada, reuniram-se os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica na região da Galileia e em Jerusulem.

Durante o encontro em Jerusalém, que aconteceu no Auditório do Centro Pontificio Notre Dame, estiveram reunidos aproximadamente 500 consagrados de diferentes comunidades religiosas, na sua maioria estrangeiros que vivem na Terra Santa há muitos anos, servindo a Igreja local com todos os seus desafios.

D. frei **José Rodríguez Carballo**, ofm, Arcebispo e Secretário da CIVCSVA, disse que «o que a Igreja nos pede hoje é uma fidelidade criativa. A fidelidade não significa permanecer no mesmo lugar, mas onde precisamos de estar. Se precisamos de ir, temos que ir; porém, seguindo sempre o sopro do Espírito».

O Encontro foi concluído no dia de 23 de abril logo pela manhã, com a celebração da Eucaristia no Santo Sepulcro, exatamente no dia em que a Custódia da Terra Santa celebrava 800 anos. D. frei **José Rodríguez** chamou a atenção para uma vida consagrada apaixonada por Cristo:

«Aqui, no Santo Sepulcro, testemunhamos a ressurreição. O mundo precisa de testemunhas credíveis da ressurreição; com a nossa vida estamos a anunciar a ressurreição de Cristo. É possível uma vida diferente, uma vida em que a paz e a alegria reinem no coração.»

FÁTIMA **Cristãos da Síria fizeram oferta/memória dos seus mártires**

No dia 12 de julho, o Santuário de Fátima recordou os cristãos perseguidos na Síria, apresentando aos peregrinos uma oferta feita na Cova da Iria por um grupo de monjas do mosteiro cristão em Qara.

As religiosas entregaram ao bispo de Leiria-Fátima, para oferta a Nossa Senhora de Fátima, três balas e um lenço trazidos da localidade síria de Maalula, símbolos materiais do triplo martírio lá perpetrado a 4 de setembro de 2013.

O testemunho do ato de martírio, assinado por três das monjas após descrição da família das vítimas, foi lido na abertura da peregrinação mensal de julho, à tarde, na Capelinha das Aparições por D. **António Marto**. O bispo de Leiria/Fátima apelou a que nesta peregrinação se tivessem como intenções especiais a oração pela paz e pelos que sofrem a perseguição pela fé.

Os jovens primos cristãos **Sarkis Zaknem**, de 19 anos de idade, e **Antoun Taalab**, de 28, foram executados à queima-roupa, com o tio de ambos, **Mikhail Taalab**, em casa deste, na localidade de Maalula, a 40 quilómetros de Damasco, por não renegarem a sua fé.

Deus fala, sugere, inquieta, mas não coage nem avassala; propõe, mas não se impõe. Este foi o estilo de Jesus e a sua intenção ao falar em parábolas: criar um espaço de liberdade e de responsabilidade nos ouvintes. As parábolas, como tais, não são *a mensagem* mas *a linguagem*; não são fins em si mesmas – são setas indicadoras que orientam para *a mensagem*.

Inclui as Parábolas: do semeador ou da semente, do grão de mostarda, do fermento, lavrador paciente, do amigo importuno, do juiz iníquo e da viúva importuna, dos vinhateiros homicidas, da figueira estéril, das crianças na praça, da ovelha perdida, da dracma perdida, do "filho pródigo"?, do fariseu e do publicano, dos trabalhadores enviados para a vinha, dos talentos, das dez minas, do bom samaritano, do rico e do pobre Lázaro, do devedor sem compaixão, do administrador astuto, do joio e das dez virgens

Capa a cores, 136 pgs. com imagens: 5,00€

A Bíblia dos 50 anos... da Bíblia

- A única Bíblia Católica atual, traduzida diretamente a partir **dos originais** para Português. A primeira com o novo **Acordo Ortográfico**. Só ela tem **imagens** no texto, com temas exclusivos de cada livro. A **nomenclatura** de pessoas e localidades, e dos Nomes de Deus foi tratada cuidadosamente.
- Tem 180 páginas de **Introduções** e **extra-textos** com sínteses ou destaques. As **notas** explicativas e **lugares paralelos** de outros livros ocupam centenas de páginas. Os textos poéticos dos originais são aqui apresentados também em **forma poética**.
- **Índice de Notas** dos principais temas. **Índice Bíblico-Pastoral**, apresentando a evolução dos temas na revelação bíblica. **Lecionário** dominical e festivo da Missa. **8 Suplementos** e 8 **Mapas**.

Bíblia Sagrada *média*: 12,85€